



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**GRÃO-CHANCELER**

Dom Gilberto Pereira Lopes

**MAGNÍFICO REITOR**

Prof. Pe. José Benedito de Almeida Daivd

**VICE-REITOR**

Prof. Pe. Wilson Denadai

**PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO**

Prof. Jamil Cury Sawaya

**PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

Profª Drª Vera Sílvia Marão Beraquet

**PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS**

Profª Carmen Cecília de Campos Lavras

**PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO**

Prof. Antonio Sergio Cella

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretor: Prof. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves  
Diretora Adjunta: Profa. Maria Salete Zulzke Trujillo

**FACULDADE DE HISTÓRIA**

Diretora: Profa. Lilia Inês Zanotti de Medrano

**Endereço para Correspondência:**

Revista Notícia Bibliográfica e Histórica  
Caixa Postal 1539 - 13001-970 - Campinas, SP

# NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

**ODILON NOGUEIRA DE MATOS**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

---

**ANO XXXIV - Nº187 ISSN-0101-4919 OUTUBRO - DEZEMBRO 2002**

---

## SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA .....	277
Odilon Nogueira de Matos	
Sérgio Buarque de Holanda no seu centenário .....	278
Odilon Nogueira de Matos	
Um momento para rememorar Sérgio Buarque de Holanda .....	291
Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci	
O centenário de Sérgio Buarque de Holanda .....	294
Roberto Machado Carvalho	
Sérgio Buarque de Holanda 1902 - 2002 .....	297
José Sebastião Witter	
Sérgio Buarque de Holanda e a " <i>História Geral da Civilização     Brasileira</i> " .....	307
João Ricardo de Castro Caldeira	

Diálogos Hemisféricos: A Fronteira na Obra de Sérgio Buarque de Holanda .....	314
Isis Kantor	
Raro Privilégio: Homenagem a Sérgio Buarque de Holanda .....	317
Heloísa Liberalli Bellotto	
Sérgio Buarque de Holanda e a Pesquisa .....	321
Maria Thereza Schorer Petrone	
Sérgio Buarque de Holanda: Um Duradouro Encontro .....	325
Esmeralda Blance Bosonare de Moura	
Sérgio Buarque de Holanda, Historiador e Pioneiro dos Estudos Populacionais .....	334
Eni de Mesquita Samara	
A Circulação dos Saberes Americanos e Europeus: Um Estudo sobre a "Botica da Natureza" .....	341
Patrícia Albano Maia	
Sérgio Buarque de Holanda em Berlim .....	347
Duílio Battistoni Filho	
*	
Prefácio a "Raízes do Brasil" .....	351
Antônio Cândido	

## NOTAPRÉVIA

O centenário de Sérgio Buarque de Holanda no corrente ano, tal como o de Gilberto Freyre há dois anos, constitui um marco significativo a ser considerado por todos os interessados na área dos estudos históricos. Considerado, não apenas no sentido de homenageá-lo, recordando sua vida e sua obra, mas - e principalmente - o que ela significa para uma legítima apreciação da cultura brasileira.

Nossa publicação não poderia ficar insensível ou indiferente à esta ocorrência centenária. Eis a razão de encerrarmos o ano 2002 com um número especial, todo dedicado ao nosso grande historiador.

Agradecemos a atenção de todos os que conosco colaboraram, particularmente ao Professor João Ricardo de Castro Caldeira, que, em tempo oportuno lembrou-nos do interesse desta iniciativa, como pela sua própria colaboração e pelo empenho, que não deve ter sido pequeno, de solicitar a seus colegas do Departamento de História da Universidade de São Paulo boa parte da colaboração que enfeixamos neste número.

Para fechar com chave de ouro o presente fascículo transcreve-se o prefácio de Antônio Cândido a “Raízes do Brasil”, 4ª edição revista pelo autor. Editora da Universidade de Brasília, 1963, volume 10 da “Biblioteca Básica Brasileira”.

Pela sua própria natureza não conterà este número as diversas seções a que se habituaram nossos prezados leitores.

**Odilon Nogueira de Matos**

## SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA NO SEU CENTENÁRIO\*

Odilon Nogueira de MATOS

Sensibilizou-nos bastante a honrosa designação do Senhor Presidente da Academia para que falássemos sobre Sérgio Buarque de Holanda na sessão com que nosso sodalício comemorasse o centenário de um dos mais ilustres e saudosos acadêmicos, que, por vinte anos ilustrou esta Casa nela sucedendo ao nosso grande mestre Afonso de Taunay. É a segunda vez que nos é dado participar de uma comemoração relativa a Sérgio Buarque de Holanda. A primeira foi por ocasião dos seus cinquenta anos, portanto em 1952, num festivo jantar em conhecido restaurante suíço à rua Caio Prado, no qual a mesa principal foi ornamentada por diversos símbolos relativos aos títulos de seus livros. Gostaríamos de saber se em nosso auditório existirá alguém que tenha participado dessa comemoração de há cinquenta anos. E nem por um excesso de imaginação poderíamos admitir, naquela época, que, cinquenta anos depois, viessemos participar de nova homenagem a Sérgio Buarque de Holanda por ocasião de seu centenário, e desta vez cabendo-nos o privilégio de sermos o orador da cerimônia. É um privilégio próprio apenas dos que alcançam a provecta idade que, com a graça de Deus alcançamos.

De início, ficamos em dúvida quanto aos diversos “Sérgios” sobre os quais poderíamos falar: o escritor, o historiador, o humanista, o orientador, o professor, enfim o mestre; ou o velho amigo, companheiro inesquecível de tantos momentos agradáveis em tertúlias, congressos, seminários, bancas examinadoras, conferências; ou, em reuniões informais, com a sua prosa cativante, descambando não raro para o humorismo, a brincadeira, a crítica em momento algum ferina, mas sempre construtiva. Se na primeira forma poderíamos ser acusados de simplesmente repisar o

---

(\*) Conferência preferida na Academia Paulista de Letras, em sessão de 11 de julho de 2002.

que tantos outros mais credenciados já escreveram; na outra, em compensação, poderíamos cair no vulgar, de pouco interesse para quem não tivesse tido com ele o mesmo relacionamento. Acabamos optando pelas duas formas, sabendo dosá-las ou, melhor, dizendo um pouco de cada uma.

Para nós, de uma maneira geral, Sérgio Buarque de Holanda começa com “Raízes do Brasil”, livro publicado em 1936. Entretanto, um excelente trabalho de Francisco de Assis Barbosa, num belo volume publicado seis anos após o falecimento de Sérgio, reunindo matéria de primeira ordem apresentada numa Semana dedicada à sua memória - verdadeira poliantéia onde se encontra praticamente tudo sobre o nosso homenageado, fez-nos conhecer sua vida meio séria meio boêmia no Rio de Janeiro, fase que poderíamos chamar de “Pré-Raízes”, ou seja anterior ao seu primeiro livro, pois de fato o nosso Sérgio é o Sérgio “Pos-Raízes”. Pelo depoimento vivo e honesto de nosso saudoso Chico Barbosa, essa primeira fase não é para se ignorar e menos ainda desprezar, tal a quantidade de informações que nos transmite, constituindo capítulo rico de realizações que mereceriam maior divulgação na biografia de nosso homenageado.

De qualquer maneira, não é fácil falar sobre Sérgio Buarque de Holanda. E ao contrário do que em geral acontece em situações similares a esta, em que a dificuldade resulta da carência ou precariedade das fontes, o que ocorre com o nosso homenageado é justamente o oposto: a dificuldade reside na quantidade e na qualidade do que já se escreveu sobre ele. Parece-nos que Sérgio Buarque de Holanda, juntamente com Gilberto Freyre, tenham sido os dois autores, na área dos estudos históricos e sociais, sobre os quais mais se tem escrito. E com uma significativa diferença: enquanto que muito do que se escreveu sobre o sociólogo pernambuco reveste-se de um certo caráter contestatório - o que em nada diminui, é claro, pois já se disse que se deve destestar os livros com os quais se concorda do princípio ao fim... - tudo quanto já se escreveu sobre o historiador paulista, cujo centenário hoje comemoramos, é do mais expressivo significado no sentido de se reconhecer seu papel na historiografia brasileira, como foi sabiamente demonstrado por Antônio Cândido no excelente prefácio que escreveu para uma nova edição de “Raízes do Brasil”, seu primeiro livro, e que marcou época, tornando-se referencial não só para os temas que ele aborda, mas para a própria

identificação de seu autor. Embora tendo publicado diversos outros livros, todos importantes, como veremos neste ligeiro balanço, Sérgio Buarque de Holanda continua sendo citado sempre como o autor de “Raízes do Brasil”. Mais uma semelhança com Gilberto Freyre: apesar do muito que escreveu, o referencial para o seu nome é sempre como o autor de “Casa Grande e Senzala”.

De “Raízes do Brasil” escreveu Antônio Cândido no citado prefácio, ser um livro que “atravessou facilmente o período mais transformador dos estudos sociais no Brasil e se tornou um clássico. Para isso, houve bons motivos, pois é igualmente perfeito no estilo e preciso nas idéias. Só um historiador erudito e minucioso, mas ao mesmo tempo capaz de generalizar e descobrir as linhas fundamentais, poderia escrevê-lo, dando-lhe a eficiência que o tornou um dos estudos básicos para compreender a sociedade brasileira. Não espanta que os seus pontos de vista se tenham incorporado ao pensamento de uma geração, recebendo muitos deles a glória de se transformarem em conceitos de toda gente”. Isso que Antônio Cândido escreveu quando o livro tinha “quase trinta anos”, vale, sem dúvida, para hoje, quando ele tem quase setenta...

Sérgio Buarque de Holanda, ao pensar em termos de história brasileira, acertou começando pelas nossas raízes ibéricas, sem as quais dificilmente se compreenderia nosso processo histórico. Lendo seu livro inicial, poderíamos até esperar que outros viessem em continuação a esse. Mas, preferiu o autor derivar para assuntos paralelos, todos de igual significado para a compreensão desse processo histórico. A continuidade, certamente esperada, ele não no-la deu em obra exclusiva sua, mas numa grande obra coletiva, o vasto painel da “História da Civilização Brasileira”, confiada a colaboradores todos credenciados e de sua confiança, mas na qual o que poderíamos chamar de “pontos-de-engate” (permitam-nos esta expressão ferroviária) foram de sua responsabilidade. Voltaremos a ela daqui a pouco.

A reunião de diversos escritos, publicados em diferentes ocasiões e versando os mais variados assuntos, todos, porém, do mais alto interesse para as diversas áreas da cultura brasileira, propiciou ao nosso autor a oportunidade de mais dois livros - “Cobra de vidro”, de 1944 e “Tentativas de mitologia”, de 1979 - ambos assegurando um sentido de permanência a escritos que seria uma pena se ficassem perdidos nas folhas

amarelecidas dos jornais. O autor tem, às vezes, a preocupação de querer que o leitor separe o historiador do crítico, mas quem o conhece sabe que isso é impossível. Eis porque suas críticas não têm apenas o caráter circunstancial de páginas de ocasião, que no mais das vezes caracterizam os escritos dessa natureza, os quais, com raras exceções, não fazem jús a que o leitor os guarde; lê-se-os, concorda-se ou não com eles, apreciam-no-los mais ou menos de acordo com o conhecimento do livro criticado, e passa-se adiante sem que a crítica abale ou sequer influa nos critérios de julgamento. Com os escritos de Sérgio Buarque de Holanda é diferente. Ninguém pode ser insencível a eles, pois não são apenas crítica. Ao lado desta e naturalmente sem prejuízo desta, há toda uma soma de informações que se refletem num esclarecimento de questões duvidosas ou controvertidas, no enfoque superior de tantos pontos às vezes obscuros, enfim uma contribuição importantíssima para o melhor conhecimento dos temas abordados.

Às vezes o leitor até esquece que está lendo crítica a um determinado livro, especialmente quando este é de um Jaime Cortezão, de um Oliveira Viana ou de um Gilberto Freyre, entre outros. É claro que isto também do livro criticado. E ainda sob este aspecto o autor de “Tentativas de mitologia” foi bastante sábio ao escolher livros que lhe propiciassem o que dizer. Alguns exemplos bastarão: a discussão em torno do conceito de cultura, a propósito de uma obra de Oliveira Viana; os conceitos de geopolítica na expansão geográfica do Brasil, a propósito da documentação De Angelis, divulgada pelo historiador português Jaime Cortezão; as considerações em torno da sociedade patriarcal, a propósito da obra de Gilberto Freyre; os reparos a “Ingleses no Brasil”, do mesmo autor; os aspectos da sociedade rural em fase de transição, a propósito de um ensaio de Emílio Willems; as considerações sobre o barroco, à margem de um prefácio de Antônio Sérgio e de uma tese de Eduardo d’Oliveira França, e por aí afora, que teríamos que citar o livro todo, se a todos fôssemos enumerar.

O autor parece não ter revisto seus escritos. Reuniu-os no livro, tal como foram publicados na imprensa, o que certamente em nada os prejudicou, revestindo-se, ainda, no caso de Sérgio, por mostrar que os temas abordados, há tantos anos, não perderam a atualidade e, em muitos casos, nem sequer outros trabalhos foram publicados que justificasse uma mudança de atitude por parte do crítico.

Aos leitores que julgam que as críticas não merecem ser lidas senão no momento em que são publicadas, isto é, quando o livro criticado ainda é novidade, a leitura de “Tentativas de mitologia” servirá para a revelação de aspectos diferentes na produção de um escritor, dos maiores de nosso país, sobretudo quando se considera a segurança das proposições que enuncia, ainda que a propósito de ligeiras apreciações de obras que, talvez, tivessem passado despercebidas se delas não se ocupasse o autor do livro. Mencione-se, como uma das partes mais interessantes do volume, o extenso prefácio, que, longe de relatar apenas o porquê do livro ou a trajetória do autor, encerra significativa página sobre Graça Aranha, um pouco escondida, assim, daqueles que não têm o hábito de ler prefácios, por mais que se lhes recomende, lembrando que, muitas vezes, o texto se torna pouco claro sem a leitura atenta das páginas que o precedem. Poderá se apreciar, por exemplo, “Casa Grande e Senzala” sem o prefácio à primeira edição?

Em “Visão do Paraíso”, originalmente a tese de concurso para provimento da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o autor trata dos motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil. A visualização edênica relativa às terras descobertas e colonizadas pelos europeus e que constitui, inegavelmente, um dos traços marcantes do espírito renascentista, encontrou no Brasil seu maior campo de interesse. É o que nos mostra toda uma vasta literatura, sabiamente compulsada pelo autor para o preparo deste livro, que constitui, sem dúvida, uma obra de alto valor - quer pela erudição, quer pela conceituação dos problemas que dela decorrem - diríamos mesmo um livro único na bibliografia brasileira. Diversos autores têm feito referências ao edenismo. Vale citar, entre outros, o belo ensaio de Afonso Arinos de Melo Franco intitulado “O índio brasileiro e a Revolução Francesa” (1937), no qual se estuda a presença brasileira no pensamento europeu dos séculos XVI, XVII e XVIII e especialmente nas obras de Morus, Montaigne e Rousseau. Lembremos, “en passant”, que Afonso Arinos foi um dos examinadores no concurso de Sérgio Buarque de Holanda.

Todavia, a obra de nosso autor mostra-nos, entretanto, numa visão de conjunto, tudo o que se passava e se escrevia na Europa acerca do Brasil e da América em geral, tendente a mostrar as terras americanas em nova visão paradisíaca. Lembremos, também de passagem, que este

tema do edenismo tem aparecido com frequência em autores modernos, cabendo citar, por justiça, o que já tem sido publicado pelo nosso preclaro confrade Hernâni Donato.

Nosso saudoso Ernani Silva Bruno, que, como todos sabem, deixou uma obra também de muito valor no campo da historiografia, principalmente com relação a São Paulo, comprazia-se com um tema que ele pitorescamente denominava “história das pequenas coisas”: o artesanato, a medicina caseira, a caça, a pesca, as pequenas atividades agrícolas, o laser - enfim, temas que raramente aparecem sequer mencionados no que se chamaria a “grande história”, mas que, em seu conjunto, contribuem - e muito - para a real caracterização de um estágio de nossa cultura.

Sérgio Buarque de Holanda foi sensível também a essa motivação, a ela dedicando todo um livro “Caminhos e Fronteiras”, também divulgado por José Olympio em sua preciosa coleção “Documentos Brasileiros”. Os simples títulos das três partes em que se divide o livro explicam, sem necessidade de comentários, o seu conteúdo e o seu interesse: “Índios e Mamalucos”, “Técnicas rurais” e “O fio e a teia”. Publicado originalmente em 1957, obteve reedição com alguns acréscimos em 1975. Sua razão de ser está no próprio prefácio: “A lentidão com que no planalto paulista se vão impor costumes, técnicas ou tradições vindos da metrópole terá profundas conseqüências. Desenvolvendo-se com mais liberdade e abandono do que em outras capitânicas, a ação colonizadora realiza-se aqui por uma contínua adaptação a condições específicas do meio americano. Por isso mesmo não se enrija logo em formas inflexíveis. Retrocede, ao contrário, a padrões primitivos e rudes: espécie de tributo pago para um melhor conhecimento e para a posse final da terra. Só aos poucos, embora com extraordinária consistência, consegue o europeu implantar num país estranho algumas formas de vida que trazia do Velho Mundo”.

Assunto que realmente não poderia faltar na obra de Sérgio Buarque é o episódio das monções, expedições fluviais (via Tietê e Paraguai) para o Centro-Oeste do Brasil, um dos poucos casos de utilização dos cursos d’água na expansão bandeirante. Há muito, já afirmara o sempre lembrado Alfredo Ellis Júnior que as bandeiras paulistas evitavam as vias fluviais, mesmo na região das Minas Gerais, onde o São Francisco parecia

oferecer uma via natural de penetração, mas tendo sido muito pouco utilizado. Das “Monções”, episódio verdadeiramente cinematográfico de nossa História, não julgamos necessária nenhuma observação especial, pois dele já nos ocupamos em conferência proferida neste mesmo local.

Registremos apenas que a ele nosso autor dedicou dois livros: o primeiro, com o próprio título de “Monções”, publicado em 1945 e reeditado trinta anos depois com numerosos acréscimos e ainda ilustrações. E já no fim de sua vida, pois foi, de fato, seu último livro, que nem chegou a terminar e ao qual foi dado o título de “Extremo-Oeste”.

O primeiro, pode-se afirmar sem dúvida ser o que mais completo se escreveu e publicou sobre o episódio. Nele, o capítulo terceiro dá-nos a impressão de um perfeito “guia de viagem”, fazendo lembrar, guardadas naturalmente as proporções, o que conhecemos hoje como “Quatro Rodas” para as rodovias ou o velho “Guia Levy”, para as ferrovias. Parece-nos ver o autor percorrendo a histórica rota, tal a documentação por ele utilizada para a reconstituição da paisagem: locais de arribação, acidentes geográficos de mais variada natureza, recursos vegetais e animais, detalhes técnicos sobre as embarcações, recursos para provimento dos viajantes, informes precisos sobre os rios utilizáveis, terminando o livro com um capítulo sobre o comércio em Cuiabá. Registre-se que o autor não se limitou à documentação em nossos arquivos, com algumas peças até já publicadas. Visitou três vezes Cuiabá para pesquisar em seus arquivos, resultando o que se poderá considerar, sem exagero, uma obra definitiva sobre esse heróico episódio de nosso passado.

Sobre o tema estava escrevendo novo trabalho que tudo indicava seria de vulto, quando o abandonou para atender a outros compromissos. E acabou deixando-o incompleto quando a morte o colheu, em 1982. Bem andou a família confiando a José Sebastião Witter os originais do que veio a ser, assim, o último livro de nosso grande historiador, publicado quatro anos após o seu falecimento. Witter, que tão bem conheceu Sérgio e por quem demonstrou sempre enorme carinho, desvelou-se em cuidados extremos na revisão do livro sugestivamente intitulado “O Extremo Oeste”. A necessidade de proceder à revisão do texto levou Witter a se referir, no prefácio, a um dos traços curiosos da personalidade do grande historiador: o cuidado com que ele revia seus escritos, sempre à procura de uma forma mais adequada, mais clara, mais

consoante com o que ele queria dizer. Não era simplesmente a preocupação de perfeccionismo. Não. Witter o diz bem: “Se por um lado existe em Sérgio a perspicácia, a sutileza e a agudeza de percepção sempre reveladora, por outro está o rigor do estilista que busca e rebusca até encontrar a melhor forma de apresentar, com propriedade, aquilo que encontrou nos documentos”.

Informa o prefaciador que Sérgio certamente faria algumas revisões antes de entregar o livro à publicação. Mas não as fez. É ainda Witter quem nos dá conta de sua tarefa: “Era meu desejo não alterar nada; contudo, foi necessária a intromissão na obra do mestre para evitar algumas repetições de palavras, que ele jamais faria e também alguns pontos onde o argumento provava que o documento utilizado não fora corretamente transcrito”. E cita vários exemplos a que se viu obrigado a proceder.

Retomamos agora tema já anunciado no início desta palestra: a grande “História Geral da Civilização Brasileira”, importante obra coletiva editada pela Difusão Européia do Livro, que havia pouco editara com grande êxito uma extensa “História Geral das Civilizações”, sob a direção de Maurice Crouzet. Entendeu a editora de ampliar sua iniciativa publicando obra semelhante com relação ao Brasil e incumbindo de seu planejamento a Sérgio Buarque de Holanda, que tratou imediatamente de selecionar o grupo de colaboradores com especialistas credenciados para os diversos temas que a obra comportaria. Nada menos que 52 autores atenderam ao apelo, inclusive aquele que vos fala, incumbido de dois capítulos, um sobre a Guerra dos Emboabas e outro sobre as vias de comunicação no tempo do Império.

Importante esta observação do orientador, no prefácio e que bem traduz o caráter da obra: “Tendo-se em conta o fato dos colaboradores, procentes de vários pontos do Brasil e, ocasionalmente até do estrangeiro, serem, na maioria dos casos, de formação e orientação diversas, alcançou-se, não obstante, uma concatenação apreciável entre as diferentes partes da obra”.

Estendeu-se a obra por sete volumes em grande formato, bem nos moldes da coleção francesa que lhe serviu de modelo e publicados entre 1960 e 1972. O próprio diretor da coleção declarou ter escrito mais do que esperava por ter de suprir alguns convidados que, à última hora,

desistiram da incumbência. A parte dirigida por Sérgio Buarque de Holanda compreende até o Império, sendo o último volume, extenso de mais de 400 páginas, todo de sua lavra. Trata ele da desagregação da ordem monárquica, tenha sempre muito de seu agrado. Não se interessando nosso historiador pela parte referente à República, foi ela confiada a Boris Fausto, que, também com excelente grupo de colaboradores, responsabilizou-se por mais quatro volumes publicados entre 1975 e 1984.

O livro didático para o ensino da História do Brasil também despertou o interesse de nosso historiador, elaborando com esse objetivo, e em colaboração com Otávio Tarquínio de Souza, cremos que dois volumes, excelentes como tivemos oportunidade de verificar, mas que, devido às freqüentes reformas do ensino secundário em nosso país, tiveram pequena circulação por não atenderem rigorosamente aos novos programas.

Seu conhecimento da língua alemã permitiu-lhe pôr ao nosso alcance duas importantes obras de nossa xenobibliografia: as “Memórias de um colono no Brasil”, de Thomas Davatz e a “Etnologia sul-americana”, de Wilhelm Schmidt, publicadas, respectivamente, pela Editora Martins na preciosa “Biblioteca Histórica Brasileira” e pela Editora Nacional, na coleção “Brasíliana”.

Capítulo ou tópico que não poderia faltar numa apreciação, ainda que ligeira como esta, da obra de Sérgio Buarque de Holanda é o seu relacionamento com pessoas e instituições de outros países. Seu primeiro contato com o exterior ocorreu em 1929, quando, atendendo a uma sugestão de Assis Chateaubriand, viajou para a Europa com o propósito de visitar a Alemanha, a Polônia e a Rússia. Aliás, pelo que sabemos, não chegou a ir à Rússia, tendo fixado residência em Berlim, onde atuou como correspondente de jornais brasileiros, bem como teve a seu cargo a seção em língua portuguesa de importante revista alemã, órgão do Conselho de Comércio Brasileiro de Hamburgo, na qual publicou artigos relativos à economia e à história do Brasil. E ainda aproveitou o tempo para freqüentar, embora de maneira irregular, aulas de História e Ciências Sociais do Professor Friedrich Meineck. E chegou até a traduzir filmes alemães, entre eles o famoso “Anjo Azul”, estrelado por Marlene Dietrich. A ascensão do nazismo criou situação pouco favorável à sua permanência na Alemanha, razão de ter apressado seu regresso ao Brasil em fins de 1930.

Em 1941 esteve nos Estados Unidos, onde participou de atividades em algumas universidades. Em 1949 retornou à Europa, tendo pronunciado conferências na Sorbonne (Paris) e participado de um comitê organizado pela Unesco com o fito de discutir o conceito de democracia. Em 1950, integrou uma delegação brasileira ao 5º Colóquio de Estudos Luso-brasileiros, reunido em Washington para comemorar os 150 anos da “Biblioteca do Congresso”. Em 1950, já residindo em São Paulo, seguiu com a família para a Itália, onde atuou por dois anos como professor da Cadeira de Estudos Brasileiros da Universidade de Roma. Nesse período teve oportunidade de diversas atividades culturais em outras cidades da Itália e da Suíça. Anos mais tarde (1963), já professor da Universidade de São Paulo, foi convidado a ministrar um curso de História do Brasil na Universidade do Chile e, nos anos seguintes, por mais duas ou três vezes retornou aos Estados Unidos, sempre em missões culturais.

De todas essas viagens e missões resultou-lhe excelente relacionamento com historiadores diversos desses países. E, como se não bastasse, lembremos que alguns de seus livros, especialmente “Raízes do Brasil”, mereceram traduções para diversas línguas, inclusive o japonês.

Neste “balanço” da obra de Sérgio Buarque de Holanda que acabamos de apresentar, com evidentes lacunas por não termos à mão todo o material necessário para tal empreendimento, limitamo-nos ao que foi publicado em livros (Livro, no dizer do velho parnasiano Alberto de Oliveira é só o que pára em pé na estante...). Deixamos de lado a imensa colaboração em revistas culturais da mais variada natureza, em artigos na imprensa, em obras coletivas, nos prefácios a vários livros, em peças de circunstância, enfim em trabalhos que não apenas devem ser somados à sua produção, mas que dão ela um caráter acentuadamente cultural e de grande utilidade, diríamos até necessidade, para o balanço final na obra de mestre. Para que se tenha uma idéia de sua produção, bastará mencionar que a sua bibliografia organizada por Rosemarie Erika Horch (certamente ainda com lacunas) compreende “simplesmente” 32 páginas em corpo miúdo e grande formato. Poucos escritores no Brasil terão escrito tanto... e tão bem.

Para remate desta apreciação de sua obra, seja-nos permitido, mais uma vez, apelar para Antônio Cândido, em dois tópicos muito significativos. Da pessoa: “De Sérgio Buarque de Holanda deve-se falar

com a mesma alegria que ele sempre manteve. Nunca houve homem mais sábio, nunca houve homem mais erudito, nunca houve homem de maior seriedade intelectual. Mas também nunca houve ninguém mais brincalhão, alegre e até moleque, quando fosse o caso. Ele era uma dessas grandes personalidades da geração de 1922, de um tipo que infelizmente está acabando no Brasil. Personalidade complexa e irreverente, de uma humanidade transbordante, cheia de simpatia humana e generosidade, marcada pelo encanto dos aspectos contraditórios. Essa personalidade se reflete de certo modo na sua obra, também vária e complexa que será analisada de ângulos os mais variadas pelas gerações de estudiosos”.

Da obra: “No entanto, a obra de Sérgio não é muito abundante. Num país onde se escreve demais, ele escreveu relativamente pouco. Ao contrário da precocidade nacional, dos que começam a produzir com 18 anos e morrem com 25, ele publicou seu primeiro livro aos 34, já em plena maturidade, apesar de ser um sabedor profundo desde muito jovem. A partir daí, pode-se dizer que soube modular admiravelmente a sua maturidade, variando as abordagens e os modos. Quero dizer que cada livro dele parece uma experiência diferente, como se ele fosse o descobridor de muitas terras, desde as técnicas de tecer ou as de pilar mandioca, até as elocubrações mais requintadas da crítica literária; desde a descrição minuciosa da ocupação do espaço físico, até a metodologia da história. De modo que a extraordinária riqueza da obra faz a gente pensar na riqueza equivalente da personalidade. A personalidade rica e vária parece estar dentro da obra. A obra exprime a variedade desse homem excepcionalmente bem dotado”.

Após a apreciação ainda que ligeira de sua obra, concluiremos nossa fala com uma referência a diversas outras atividades de nosso homenageado. Sucedeu a Taunay na direção do Museu Paulista, como sucedeu também a ele numa das cadeiras de nossa Academia. Na realidade, foi a direção do Museu que o trouxe de volta a São Paulo. Fundador e primeiro diretor do Instituto de Estudos Brasileiros. Professor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e, depois, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde formou excelente equipe de colaboradores, todos de atuação marcante no panorama atual da historiografia brasileira.

Uma referência à função de Sérgio Buarque de Holanda à frente da Cadeira de História da Civilização Brasileira na Universidade de São Paulo nos levará necessariamente à apreciação dos resultados magníficos que se contam a seu favor nos muitos anos de seu magistério. Formou escola, podendo-se ter certeza de que seu ensino, sua experiência, seu espírito, sua cultura e o sentido humano de sua personalidade serviram de inspiração aos seus discípulos e de estímulo para que continuassem sua obra. Fato altamente simpático e de alto sentido humano consistiu na instituição anual de uma “semana” dedicada à sua memória, com evocações de sua vida e obra. Os programas de algumas delas, talvez mesmo de todas, não constituem apenas uma preocupação de lembrar o mestre com os comentários à sua obra, mas acima de tudo, uma preocupação de demonstrar que seus ensinamentos não foram em vão. Não sabemos de nenhum outro intelectual de nossa área que tenha merecido de seus discípulos tal dedicação, diríamos mesmo tal consagração. E despertando interesse de figuras expressivas de outras regiões do Brasil.

Temos à vista o volume contendo a matéria resultante da “Primeira Semana”, realizada logo no ano seguinte ao de seu falecimento. Nele colaboraram quase todos ou talvez mesmo todos os professores do Departamento de História e mais Antônio Cândido e Francisco de Assis Barbosa. Destas duas ínclitas figuras de nossa cultura já nos utilizamos no decorrer desta nossa evocação. E pedimos vênias para mais uma transcrição, desta vez de uma de suas mais dedicadas discípulas, Maria Odila da Silva Dias:

“Pode-se dizer que toda a sua obra foi construída em torno do conceito de tempo, continuidade e mudança no processo de vir a ser. Para Sérgio Buarque de Holanda a história era o centenário vivo das ciências humanas, reconstruídas do prisma de sua temporalidade (...) Em sua obra trabalhou temas dinâmicos relativos à interpenetração da paisagem, da sociedade e da cultura (...) Desvendou os mais sutis temas na exiguidade das fontes coloniais com a temeridade de quem não hesitava enfrentar os desafios dos nexos entre costumes e valores culturais”.

Nosso convívio, iniciado ainda ao tempo do Museu Paulista, acentuou-se cada vez com o correr do tempo. Tivemos o privilégio de substituí-lo (ou melhor sucedê-lo, pois é difícil substituir a Sérgio) na Cadeira de História Econômica do Brasil, da Escola de Sociologia e Política

de São Paulo, cadeira, como é sabido, fundada por Roberto Simonsen quando da criação da Escola, em 1933, antes, portanto, da fundação da própria Universidade de São Paulo. Honrou-me ele, por diversas vezes, com convites para integrar comissões examinadoras de vários de seus doutorandos. Participamos, por diversas vezes, de reuniões culturais, inclusive bancas de concurso, em diversos lugares do Brasil, usufruindo ao máximo de sua excelente companhia, agradável e sobretudo informal, como deixamos dito desde o início, mas sempre transmitindo ensinamentos, pois ninguém saía de seu lado sem aprender alguma coisa. E em qualquer lugar onde ocorresse a oportunidade. Como lembrou Witter, desde os corredores e as escadas do Departamento de História até os auditórios mais cerimoniais ou solenes. Ou, ainda, em sua acolhedora casa da rua Buri, onde a participação da querida Maria Amélia sabia dar um toque de profunda humanidade ao convívio de quem os procurasse. E tivemos o privilégio de ser um desses.

## UM MOMENTO PARA MEMORAR SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Neste momento em que se comemora o centenário de nascimento de Sérgio Buarque de Holanda, ilustre professor, ensaísta, historiador e jornalista, inúmeras manifestações de expoentes da cultura brasileira estarão se manifestando. Nossa contribuição é apenas uma singela mensagem pelo muito que ele representou à História Brasileira. Bem por isso, não estamos aqui mencionando sua biografia e também sua vasta produção cultural. Limitamo-nos apenas a registrar alguns pontos que para nós se constituem marcantes ao longo de sua fecunda vida e que nos levaram à visita das marcas da memória.

Se, em verdade, pessoalmente, só com ele estivemos por dois momentos, ambos na Universidade de São Paulo (o que foi uma pena...) cremos que nossas leituras, os vários seminários de que participamos, as reflexões que fizemos sobre sua obra nos serviram como base para poder homenageá-lo nesta oportunidade, se bem que num vôo de pássaro.

É dificultoso alinhar os tópicos mais significativos da obra de Sérgio Buarque de Holanda, pois suas abordagens/análises constituem mais que uma centena de novos problemas, diríamos mesmo trazidos à tona por ele e, pela primeira vez, na historiografia brasileira. Lembremos alguns deles:

Tratou dos motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil, além da visualização edênica relativa às terras descobertas e colonizadas pelos europeus, constituindo essa análise, um dos traços marcantes do espírito renascentista que ele observou e que encontrou no Brasil um campo amplo de interesse. Mostrou, numa visão de conjunto, aquilo que era escrito e pensado na Europa acerca não só do Brasil, mas

também da América como um todo, que em geral apontavam as terras americanas numa nova visão paradisíaca;

sua contribuição foi também positiva para o conhecimento/vivência da história nacional, da literatura, da arte, sempre demonstrando como era o jogo da vida; ganhar, perder, rir, fazer divertir, empunhar a bandeira democrática a todo instante, visando o crescer da sociedade e o captar das maneiras de como operacionalizar as oportunidades a todos;

foi ele ainda aquele que proporcionou, através de seus escritos políticos, interesses renovados quando abordava a problemática da histórica resistência oposta à mudança ao longo da trajetória brasileira. Dessa maneira, se olharmos para o conjunto de sua vasta obra, temporalidade e mudança constituíram os pontos marcantes de sua produção;

sempre procurou interrelacionar o social e o político, visando à reconstituição do global em meio de suas variadas correlações, deixando transparecer o quão difícil era à renovação dos valores tradicionais que impediram (e isso nos idos dos anos 1970) construir tradições políticas duradouras, flexíveis, o que acabou por confundir o Brasil arcaico e o novo; analisou a nossa burguesia como incapaz de transformar a sociedade onde persistiam as oligarquias aristocratizadas tal como no período colonial e imperial, a refletir como as “reformas” no país foram “artificiosas”. Nesse sentido se expressou muito bem quando escreveu que “novas formas de vida à custa de decretos e tentando fazer que o país crescesse de fora para dentro não seria a melhor maneira de modificar a sociedade”;

e ponderou mais ainda ao explorar nossas contradições: “como esperar transformações profundas em um país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar”;

em seu trabalho “Do Império à República” (1922), reconstituindo a crise da oligarquia palaciana e o advento dos militares à cena política, analisou como as práticas enquadradas pelo sistema político monárquico levaram ao aumento de marginalização da massa popular, compreendendo, com propriedade, as disparidades das intercessões entre o ritmo do movimento político e da vida social brasileira;

analisando a formação do patronato no país, houve por bem demonstrar como a classe política urbana, oriunda do crescente aumento

de cargos no funcionalismo público, teve a atuação marcante da elite conservadora.

Precisaríamos de muito, muito espaço para bem localizar o cidadão Sérgio Buarque de Holanda que, ao lado de sua vibrante inteligência, humor irresistível, doçura no trato com seus semelhantes (foi ele, de fato, um homem cordial), não deixou de ser também um boêmio. Através dessa sua boemia soube ainda melhor conhecer o nosso povo quando, freqüentando entre outros bares e restaurantes, o “Lamas” (no Largo do Machado, no Rio), o “Brahma” e o “Bar Nacional (São Paulo), onde assunto era o que não faltava, até porque sua roda de amigos era das mais representativas da intelectualidade nacional. Nesses bate-papos tudo rolava: política, música popular, literatura, conhecimentos mundiais, circunstanciais, pessoais...

Até hoje seus trabalhos são amplamente analisados e discutidos. O interesse por sua obra é indiscutível, constituindo-se como referencial imprescindível à historiografia nacional, onde suas abordagens são constantemente revisitadas com o intuito de melhor entender/compreender/vivenciar a atualidade brasileira.

O perspicuo olhar do Dr. Sérgio deixou manifesto em suas obras a agudeza de seu espírito, sempre atento ao país que tanto amou, não se descurando em apontar, ao longo de sua vida, vários caminhos para o prosseguir da pesquisa e análise do Brasil.

Assim refletindo creio ser este o momento mais que oportuno para a sua fecunda produção possa ser revisitada, repensada enquanto vivência historicamente experimentada, sempre com o intuito de recuperar o lugar do sujeito histórico na criação e recriação de seus modos de vida e de luta, sob os mais diversos pontos de vista e com novo olhar dos cientistas sociais contemporâneos.

(Publicado originalmente no “Boletim da Academia Paulista de História”, nº 95, junho de 2002)

# O CENTENÁRIO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Roberto Machado CARVALHO

Quem estuda ou analisa os meadros da formação do povo brasileiro sabe que três livros são considerados fundamentais: “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre, “Formação do Brasil contemporâneo”, de Caio Prado Júnior e “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda. A primeira edição deste último data de 1936, lançado pela Livraria José Olympio, do Rio de Janeiro, através da conhecida coleção “Documentos Brasileiros”, dirigida por Gilberto Freyre. No mês de julho do ano em curso, dia 11, transcorreu o centenário de nascimento do antigo mestre da Universidade de São Paulo, renomado historiador, sociólogo, literato, Sérgio Buarque de Holanda. Deixou, em seus oitenta anos de vida (1902-1982) uma importante contribuição à historiografia brasileira, fruto de acuradas pesquisas em arquivos públicos e privados, abrindo novas perspectivas para um melhor conhecimento e interpretação do Brasil. Costumava dizer: “os livros me deram o sentido da História; são a vida em comprimidos”.

Eis aí o mestre que conheci melhor nos idos de 1967-89 quando o Departamento de História da USP já funcionava no “campus” da Cidade Universitária, transferido do imponente edifício da rua Maria Antônia, onde cursamos a graduação nos anos 50. Sob a orientação do saudoso professor fizemos a pós-graduação em História da Civilização Brasileira. Ele havia conquistado a cátedra na Universidade de São Paulo por concurso realizado em novembro de 1958.

Sérgio Buarque de Holanda residiu, por muitos anos, na rua Buri, bairro do Pacaembu, na capital paulista. Na espaçosa residência

montou uma das maiores bibliotecas particulares, compreendendo, além de livros, documentos valiosos. Estava sempre aberta aos pesquisadores. Teses de mestrado e doutorado ali tiveram começo sob a orientação do mestre.

Lembro-me bem das aulas ministradas nas tardes de quartas-feiras, pelo mestre-historiador. Não era fácil acompanhá-lo dado o volume de sabedoria que ouviamos. Um tanto dispersivo na didática era preciso um esforço para montar as aulas no contexto de uma seqüência cronológica. Memória fantástica, levava-o, por exemplo, a explicar episódios de uma época, ora retroagindo no tempo em busca de explicações, ora avançando para demonstrar as conseqüências. Depois, voltava ao tema central. Nesse jogo, nem todos podiam acompanhá-lo.

Muitos estudos sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, em especial nestes últimos vinte anos, após sua morte, apareceram para enriquecer a historiografia paulista de brasileira. Uma de suas ex-alunas, a historiadora e professora da USP, Suely Robles Reis de Queiroz define o “mestre com carinho”: “alegre, generoso, extrovertido, brincalhão, todos os que com ele conviveram sabem como são verdadeiros tais qualificativos... mas sério, se necessário, íntegro e justo também, não fazendo concessões quando se tratava de competência”. O mestre sabia dar valor intelectual a quem realmente o tivesse, dando absoluta prioridade ao mérito, separando, nitidamente a chamada “política universitária” - que resvalava no pessoal - do saber.

A bibliografia deixada por Sérgio Buarque de Holanda é muito extensa, abrangendo livros, obras em parceria, colaborações, traduções, prefácios, artigos, entrevistas, resenhas de livros. Vamos nos ater a alguns livros, mais conhecidos, além do mencionado “Raízes do Brasil”: “Cobra de vidro”, 1944; “Monções”, 1945; “Caminhos e Fronteiras”, 1957; “Visão do Paraíso”, com o subtítulo “Motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil”, 1959; “O Extremo-Oeste”, 1986. Em obra coletiva, destaque para a “História Geral da Civilização Brasileira”, na qual os sete primeiros volumes são de sua direção e neles muitos tópicos de sua autoria.

Neste centenário de nascimento parece-nos justo relembrar a figura de um dos maiores historiadores do Brasil, infelizmente pouco

conhecido ou lembrado, até mesmo por estudantes e professores de História... Um bom momento para pensar nesta conclusão.

(Publicado originalmente em “A Federação”, de Itu, a 1º de junho do corrente ano).

## SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA - 1902/2002

José Sebastião WITTER

O tempo correu. Se vivo, Sérgio Buarque de Holanda estaria completando cem anos, neste novo século e novo milênio. Não sei, mas acho que o Dr. Sérgio não gostaria de ser ‘um homem do século passado’. Lembrá-lo, através de sua obra e de sua maneira de ser é a melhor maneira de homenageá-lo. Sérgio Buarque de Holanda foi e continuará sendo um marco na vida cultural e intelectual deste país, cada vez mais carente de personagens como ele.

Tudo quanto fez é de qualidade. Consagrou-se muito cedo com sua obra “Raízes do Brasil”, escrita e editada, pela primeira vez, na década dos anos trinta do século XX e sobre ela quem melhor escreveu foi Antônio Cândido, num prefácio, com o título ‘O Significado de Raízes do Brasil’ e que passou a integrar a obra depois de sua primeira inserção no livro de Sérgio. Do mestre Antônio Cândido extraio este trecho:... “A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em autocomplacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais de sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar.

Os homens que estão hoje (o ano é de 1986) um pouco para cá ou um pouco para lá de cinquenta anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado e em função de três livros: *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire, publicado quando

estávamos no ginásio; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso complementar; *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, publicado quando estávamos na escola superior. São estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução da 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo...” Como o próprio Antônio Cândido diria, em outro trecho: “...*Raízes do Brasil*, (foi) concebido e escrito de modo completamente diverso. Livro curto, discreto, de poucas citações, atuaria menos sobre a imaginação dos moços. No entanto, o seu êxito de qualidade foi imediato e ele se tornou um clássico de nascença.”

Sérgio Buarque de Holanda é, ainda hoje, um dos historiadores brasileiros mais fecundos. É, sem dúvida, o intelectual que melhor radiografou o Brasil e o analisou, em diferentes obras e em diferentes momentos da nossa História. A extensa e profunda obra de Sérgio tem sido avaliada e sobre ela a historiadora e professora Maria Odila Leite da Silva Dias já fez uma análise que me parece definitiva. Como ressaltai *Raízes do Brasil*, pôr tudo que ela representou e representa é uma obra muito especial, porém outros livros também do autor são fundamentais para se conhecer o historiador, o escritor e o homem Sérgio Buarque de Holanda. Dentre tantos, resalto *Caminhos e Fronteiras, Monções e Visão do Paraíso*.

Cada uma dessas obras estuda um aspecto diferenciado da vida social, econômica e política do homem brasileiro, inserido em etapas diversas e diferenciadas de sua História. No primeiro é evidenciada e, talvez pela primeira vez, a cultura material como objeto de estudo e parte integrante da vida dos habitantes da terra no início de nossa ocupação e expansão para o oeste. O segundo livro citado, *Monções* é uma obra muito especial por cuidar de um movimento muito pouco estudado, à época, porque confundido com o bandeirismo. Sérgio demonstrou, com propriedade e erudição, a sutil diferença entre as bandeiras, desbravadoras e povoadoras do nosso sertão, e as monções, expedições comerciais que, saindo de Porto Feliz, em São Paulo, abasteciam as regiões mineradoras no interior do Brasil. O livro *Monções*, quando publicado foi também lançado em Porto Feliz que, pôr tradição e respeito ao historiador edita, todos os anos, a *Semana das Monções*, que é organizada pelos poderes constituídos da cidade e pela população. Sempre a semana se encerra com uma

representação e desfile público que recupera o embarque dos monçoeiros. De Porto Feliz iam, pelo Tieté, buscando as regiões ribeirinhas povoadas e as zonas de mineração. É um evento marcante e que diz muito da importância da obra de Sérgio e de sua preservação não só como documentos que são guardados no *Museu das Monções* (de Porto Feliz) mas também, e principalmente, no imaginário popular de toda aquela região do interior de São Paulo.

Já *Visão do Paraíso* é um livro especial, excepcional e marcante, o mais erudito de todos os que citei. Sobre ele basta dizer isto. Escrever mais seria ousadia e falta de bom senso. É preciso conhecer muito mais do sei para poder falar muito pouco. É preciso dizer, para finalizar, que é obra indispensável... Não trabalharei os textos e o conjunto da obra de Sérgio Buarque de Holanda pôr não me sentir qualificado para fazê-lo. Quero, no entanto, lembrar, mais uma vez, que a extensa e intensa produção deste historiador incomparável é muito rica e imprescindível para o conhecimento de nossa sociedade e da história de nosso país.

Por outro lado, em vários momentos e em circunstâncias especiais, escrevi sobre a figura de Sérgio e, por isso, é quase impossível não me repetir. Por mais que procure uma nova abordagem, é difícil fugir daquilo que mais me tocou durante a longa convivência com aquele homem excepcional. Ele foi, sem dúvida, um modelo para muita, muita gente que, com ele, aprendeu a gostar da História. Mais do que isso, ele ensinou sempre a ser crítico acima de tudo. Um crítico severo, mas não somente dos documentos onde buscava suas fontes para, sobre elas, escrever; um crítico da sociedade em que vivemos e sobre a qual precisamos a devemos atuar, enquanto agentes da sociedade civil, nem sempre atenta às mazelas do poder. É sobre a figura humana desse ‘Mestre’ excepcional que tentarei escrever. Também, é uma tarefa nada fácil.

Sérgio Buarque de Holanda começou a fazer parte da minha vida no ano de 1957, quando prestei meu primeiro vestibular na Universidade de São Paulo. Queria ser professor secundário de História e, as regras da época exigiam a qualificação universitária para poder prestar concurso e ingressar na carreira. Isto aconteceria somente em 1961, quando completei o curso de História. Mas, ainda em 1957, vi o já consagrado escritor defender a sua tese da cátedra, na rua Maria Antonia, no Salão Nobre, completamente lotado. Era um, dentre muitos alunos, que ficara atento ao

ritual todo, belo e assustador ao mesmo tempo. O meu futuro mestre, nesse tempo eu nem sabia se seria aluno do Departamento porque não passara no vestibular, esbanjava conhecimento e demonstrava toda sua erudição. Era, desde então, o homem, o escritor, o crítico que não necessitava da Instituição, antes a USP precisava dele. E assim foi até sua aposentadoria.

Depois desta vivência de uma defesa de tese tão concorrida, perdi o contato com o autor da *Raízes do Brasil*.

Em 1958, quando comecei a freqüentar as aulas do Departamento História e, em decorrência, comecei a conviver com tantos historiadores altamente qualificados, reencontrei o professor Sérgio Buarque de Holanda. Era um tempo diferenciado e a rua Maria Antonia facilitava o encontro constante entre alunos novatos ou veteranos e seus professores. Quando falo “Maria Antonia” estou me referindo à rua sim, mas especialmente aos edifícios que abrigavam a nunca esquecida Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Era um tempo especial, se não excepcional para a História. A disciplina vivia um de seus melhores momentos e não só nas grandes Instituições, como é a tendência atual. Quase todas as Faculdades e Universidades tinham um bom curso, com bons professores, mas também ocupava o ensino de História um espaço considerável no então Ensino Secundário ou Médio. O Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP era composto pôr pessoas de grande competência e outras de um potencial indescritível. A USP, a Faculdade de Filosofia, o Departamento de História contavam com profissionais que mostraram, ao longo do tempo e apesar de todos os obstáculos, a que vieram e porquê vieram, já notáveis e consagrados, ensinar os novos estudantes a neles inculcir a idéia de pesquisar e ensinar. Além dos notáveis brasileiros, quantos mestres europeus vieram ajudar a USP a se tornar um centro incomparável no domínio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Desde os primeiros momentos como estudante universitário entendi a importância do saber de verdade na vida de quem pretendia ser um bom professor. Creio que foi de Richard Morse que ouvi, pela primeira vez, em uma das suas primeiras visitas ao Brasil a convite de Sérgio, a afirmação de que “o poder, no futuro, estaria nas mãos de quem soubesse”, pois dizia ele “saber é poder”. Mas foi Sérgio Buarque de Holanda quem

me mostrou, com paciência própria de quem sabe, como pesquisar e aprender e, pôr consequência, saber. Ser seu aluno desde o curso de graduação e ter feito a minha carreira com a orientação dele foi, sem dúvida, um privilégio.

Eu senti nele o ser humano que era e o professor, de fato, desde os primeiros contatos. Nada tinha do professor tradicional. As aulas não eram bem preparadas e muito menos organizadas em fichas ou com recursos tecnológicos. Não precisava nada, além de sua memória e cabeça privilegiadas. Não seguia nenhuma das novidades pedagógicas do momento. Era o oposto de tudo quanto eu tinha aprendido na minha formação de professor primário (e todos sabem do meu orgulho pôr ter me formado numa Escola Normal e como considero importante, ainda hoje, ser ‘normalista’). A postura de mestre Sérgio começou pôr me encantar, embora em certos momentos, sentisse muito a ausência de um bom método, melhor organizado e estruturado e chegasse, até a ter a ousadia de pensar em criticar o Mestre pelo “desajeito” daquele professor, que tanto divagava, dificultando-me acompanhar a sua linha de pensamento. Mal sabia eu que o tanto que divagava era o quanto conhecia e a sua inquietação pela busca da palavra mais correta, a melhor adaptada acabaria sendo o encanto da sua maneira de ensinar. E mais, erudição não se ensina, pois ela é parte integrante da quem tanto sabia a tanto conhecia como Sérgio Buarque de Holanda. Não era fácil, principalmente para alunos que como eu, tinham falhas gritantes de formação. Não se pode esquecer que eu me formara no interior. Acompanhar Sérgio nunca foi fácil... Perdia-se, e quantas vezes, “o fio da meada” e para reencontrá-lo era necessário muito esforço e “longas noites universitárias”, momentos em que sós ou em grupos espontâneos mas organizados procuravam nos apontamentos de sala de aula as linhas mestras do pensamento do professor e, a partir delas, buscavam na bibliografia sugerida pôr ele tudo aquilo que faltava. Apesar de nossas dificuldades de estudante, nem sempre preparados, Sérgio era sempre um Professor. Dentro da sala de aula, nos corredores da Maria Antonia, nas escadarias dos prédios da Antiga Reitoria, na cidade universitária ou no sempre moderno prédio da Geografia e História (hoje Edifício Eurípedes Simões da Paula - outra figura inesquecível dos meus tempos de estudante e professor) - subindo ou descendo as rampas ou escadas - ele estava sempre atendendo alguém, ouvindo, falando, ironizando, mas sempre ensinando.

Foi, sem dúvida, um MESTRE. Também não deixava de ser o professor naquela saudosa sala de estar da casa tão bonita e acolhedora da Rua Buri, ali no bairro do Pacaembu, onde, sentado no seu sofá predileto, passava horas e horas a nos falar sobre seus temas preferidos da História, abrindo caminhos para nossas pesquisas. Não deixava nunca de mostrar também que para ser professor e pesquisador não é necessário ser sisudo, triste ou amargurado. Pode-se ser um compenetrado pesquisador e um competente professor e ser alegre, cantar, rir e ironizar com a sabedoria dos que amadurecem sem envelhecer. Nunca senti Sérgio Buarque de Holanda velho... A sua vitalidade e a sua vontade de fazer, o trabalhador incansável de que fala Maria Odila, o trazia para a vida, fortalecia sua vontade e, ao mesmo tempo, ensinava que viver era bom e viver bem era muito melhor. Era um crítico, como já disse, sempre com o pé na realidade, nunca um pessimista. Acreditava nas mudanças e as via como necessárias. Não só pregava contra as injustiças, mas participava das lutas contra elas. Quanto ensinou somente por suas atitudes a posições, nem sempre coerentes, mas inquestionavelmente honestas a corajosas. Sérgio não se omitia e, por isso, era realmente um homem que ensinava. Nunca foi o “dono da verdade”. Sempre mostrava o valor da dúvida, o papel do diálogo e o necessário benefício de duvidar.

Foi um dos primeiros professores a me chamar a atenção para a necessidade de “fazer falar” os que não tem voz. No prefácio da obra de Thomaz Davatz - *Memórias de um colono no Brasil* (1850) diz: “... Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história a são muitas vezes mais interessantes e das mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem história...” Traduzindo e introduzindo Davatz aos leitores brasileiros fez um dos imigrantes falar sobre sua condição de colono numa nova terra, tão diferente daquela com que sonhara. Mais uma vez, ao escrever, Sérgio ensinava. Aliás, ele sempre ensinava.

Sempre seguindo a orientação do Mestre, fiz o curso de Pós-graduação, a monografia de Mestrado e a tese de doutoramento, sem queimar etapas, como era possível na época. Fui um dos convidados pelo professor Sérgio Buarque de Holanda para integrar a sua equipe de assistentes. Vale falar deste momento da vida universitária brasileira e, em

especial, da Universidade de São Paulo. Era um tempo em que os catedráticos montavam seus grupos de estudo e com os componentes de equipes ‘faziam’ escolas, criavam discípulos. E Sérgio era especial, também como catedrático. Ser seu assistente foi e sempre será motivo de orgulho.

Sérgio Buarque de Holanda, também como catedrático foi Professor.

Não era o catedrático na forma clássica, era o coordenador dos estudos de História do Brasil, com o poder autêntico dos que lidaram porque conquistam e não impõem. Ele, verdadeiramente, não impunha nunca pôr sua posição hierárquica. Ele conquistava todos e cada um de seus assistentes pôr ser o homem que era. Era, de fato, um defensor da liberdade e permitia a todos nós e a cada um o exercício do papel de professor à nossa moda, seguindo sempre a orientação geral por ele oferecida, da melhor maneira que se dispusesse exerce-la, acompanhando o seu modelo ou sendo totalmente diferente ou até o oposto do que era em sala de aula. Em entrevista ao historiador Richard Graham, Sérgio afirmou que uma de suas alegrias tinha sido a de ter criado um grupo de historiadores (os seus antigos assistentes) que, cada um a seu modo, seguiu um caminho diferente, mas todos estavam ocupando posições dentro da vida universitária ou fora dela. Quem permitiu que isso acontecesse, se não o professor Sérgio Buarque de Holanda.

Mais uma coisa me parece importante ressaltar. Pensava no interesse de Sérgio pelos arquivos públicos ou particulares e, por consequência, a força pôr ele aos documentos de arquivo. Ele sempre salientava a importância da busca de elementos comprobatórios para reforçar e validar as nossas descobertas históricas. Ele ressaltava a importância de buscar o documento, como elemento de comprovação de nossas teses, e sempre que eles contradissem aquilo que julgávamos inicialmente verdadeiro, deveríamos ter a flexibilidade e a humildade de retomar os caminhos percorridos e até mesmo refazer trabalhos inteiros para que não se moldasse a História à “fôrma das hipóteses” e sim se “forjasse o trabalho” no corpo a corpo da pesquisa. Ai, também foi, como sempre, *PROFESSOR*, porque não só dizia da importância dos arquivos, mas freqüentava-os. Em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Cuiabá e no exterior onde a sua intuição e o seu conhecimento sugerissem a busca

documental de apoio aos seus temas, para lá ele iria, sempre trazendo novidades e com elas mudando os rumos de nossa Historiografia.

Sérgio Buarque de Holanda foi tudo isso e muito mais. Foi um ser humano muito especial e um amigo que todos gostariam e gostam de ter. Sempre companheiro e solidário vi passar pôr sua casa homens ilustres, mulheres notáveis, mas vi, também gente humilde. Ocupassem a posição que ocupassem na sociedade eram tratados, todos, da mesma maneira fidalga. Quero acrescentar, sem alusões especiais ou frases feitas, o papel de uma mulher igualmente extraordinária que é Maria Amélia, sua companheira de todos os momentos e sua retaguarda segura, amável e cuidadosa.

Não sei de quem foi a idéia da publicar, recentemente, uma obra que reúne os prefácios escritos pôr Sérgio Buarque de Holanda. Seja de quem seja, foi uma idéia muito feliz porque permitirá a muitos ler o que o grande historiador fez não somente em livros de sua área de interesse, mas também noutros campos do saber. Algumas explicações da ‘orelha do livro’ permitem, mais uma vez, pensar nesse homem diferenciado. Dela, extraio 2 trechos. O primeiro traduz aquilo que foi sempre o meu enfoque e diz: “...cada prefácio é uma aula ministrada por aquele que foi o grande mestre de muitas gerações de historiadores...”; o segundo: “... Na verdade, chamá-lo apenas de historiador é restringir o horizonte de Sérgio Buarque de Holanda, como prova a parte final deste livro que reúne prefácios para obras de literatura...”.

Da última parte do livro vou extrair trechos que, ao serem separados de seu contexto, perderão muito de sua força, mas podem também mostrar outras facetas deste homem erudito e muito criativo. Vou destacar um trecho de Sérgio no prefácio do livro de Vinícius de Moraes - ‘*O operário em construção e outros poemas*’, publicado pela Nova Fronteira, em 1979. Reproduzo uma parte que me parece dar a dimensão humana do grande historiador. Assim se expressa : “Não sei se a palavra constrangimento, no meu entender uma das mais feias desta nossa língua inculta e bela, diz bem da dificuldade que sinto ao rabiscar este pobre acompanhamento para aquilo que *is supposed to be* o melhor de sua obra poética. Outra coisa talvez fizesse, se dado me fosse voltar àquelas eras já remotas em que da vez primeira nos encontramos e nos falamos, sem haver ninguém que nos apresentasse. Há quanto tempo!?”

Trinta anos? Quarenta? Desceu-me de súbito uma inspiração do Céu. Fui dar uma rebusca no meio de meus livros antigos e tive o gosto de ali achar, muito bem encadernado, um exemplar de seu *Forma e exegese*, com dedicatória datada: novembro de 1935. Mal contados já lá vão 44 anos, mas a dedicatória, pelo jeito, é de quem já me conhecia bem. Lembro-me de que o encontro aconteceu na José Olympio - ou não teria sido na Garnier, ali bem em frente? -, você pouco mais que um ‘teenager’, mas já autor de um ou dois livros publicados, e eu apenas meio contador de histórias do Brasil, além de esforçado crítico, um tanto bissexto, e sem livro publicado. Sei também que a partir daquele dia nos fizemos amigos. Amigos, pois, de há perto de meio século, vale dizer quase amigos de infância, de amizade que nunca sofreu pausa, e que ainda guarda nítida a marca da boniteza espontânea e sem cerimôniosa do encontro primeiro, em algum lugar da rua do Ouvidor, ali a dois passos da Avenida. Nada nos separou mais, nem, a rigor, sua itinerância em longes terras, ao tempo em que você melancolicamente seguia aquela carreira, de que foi salvo graças ao malquerer de um imaginoso burocrata, mais imaginoso do que gostaria de o ser.”

Acrescento, para encerrar, fragmento de um prefácio do livro de Yolanda Penteadó, com o título significativo *Tudo em cor-de-rosa*, publicado pela Nova Fronteira, em 1976. Lá está: “Li, como se diz, de uma assentada os seus preciosos originais, e bem se pode imaginar o empenho com que os li, quando se saiba, e você sabe, do sem-número de obrigações de ofício a que andei ultimamente acorrentado e que tinha de cumprir, sem falta, no prazo escassíssimo de que dispunha antes de ausentar-me pôr uns meses de São Paulo e do Brasil. Escrevo agora quando me falta menos de uma semana para pôr o pé no estribo, digo, no avião, para me dirigir a longínquas plagas, e tudo no meio de mil apressados afazeres e imprevistos de véspera da viagem, só para tentar enfim a carta-prefácio prometida. Tentação daquelas a que dá gosto aceder, porque tentação de amizade - eu ia dizer amor -, mas que a mim também me dá uns calafrios de susto. Sim, porque para sair-me a contento, eu bem que precisaria ter vivido também na esfera maravilhosa do tudo em cor-de-rosa, que tem sido a sua, não a minha. E para portar-me como convém a um espectador e afinal cronista diligente, não direi que me falte pretensão, pois até que eu sou um bocado pretensioso, como você com certeza não ignora, mas me falta creio que exercício, e só dizer isto já não é querer dar-se importância demais?”

Pois não é como se alguém dissesse que tudo tem, que nada lhe falta, sobretudo que não falta o principal, que é talento de bem fazer e quanto ao mais só precisa de prática? É isso coisa que se haja de pensar? Ou pior, que se haja de dizer, mesmo nas entrelinhas?”

Vamos confessar, é uma delícia acompanhar este sempre jovem professor, não é verdade? Que maneira mais bonita de fazer um prefácio, escrevendo-o em forma de carta. Sérgio Buarque de Holanda continua, para este seu eterno discípulo, o grande e incomparável historiador brasileiro, porém é, também, o homem generoso e autêntico, como poucos. Uso é e não foi porque a cada releitura de um de seus livros, artigos, prefácios ou cartas aprendo com ele, ainda hoje, como se estivéssemos sentados e conversando na sua aprazível sala de visitas, ali na rua Buri, em pleno Pacaembu, na sempre agitada Paulicéia, tão cantada e decantada em verso e prosa.

# SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E A HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

João Ricardo de Castro CALDEIRA

Sérgio Buarque de Holanda é um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX. Jornalista, crítico literário, historiador e professor em universidades nacionais e estrangeiras, é autor de obras fundamentais para o entendimento da sociedade brasileira<sup>1</sup>.

Na década de 1950, suas principais contribuições para a compreensão da realidade brasileira decorreram sobretudo de sua atuação na Universidade de São Paulo - USP.

Sérgio Buarque efetivou-se como professor catedrático da USP ao ser aprovado em concurso para provimento da Cátedra de História da Civilização Brasileira em novembro de 1958, defendendo a Tese intitulada *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Constitui esta uma das maiores obras clássicas da Historiografia brasileira do século XX, na qual se encontra abordado tema inteiramente original através da recorrência a erudição até então muito pouco presente em qualquer produto da nossa Historiografia.

A atuação de Sérgio Buarque na USP, onde permaneceu até 1969<sup>2</sup>, foi marcada principalmente pelo seu empenho em contribuir para o aprimoramento do ensino e da pesquisa em História do Brasil na instituição.

Na medida em que acompanhava de perto a produção uspiana, provavelmente Sérgio Buarque reconhecia que, nos anos 50, a USP tendia

---

<sup>(1)</sup> Sobre a biografia de Sérgio Buarque de Holanda, ver, por exemplo, NOGUEIRA, 1988. Para uma análise da sua produção intelectual, consultar, entre outros, CANDIDO, 1989 e 1998, PRADO, 1998 e SILVADIAS, 1985; 1988; 1994 e 1998.

<sup>(2)</sup> Como se sabe, Sérgio Buarque requereu sua aposentadoria naquele ano, em solidariedade aos professores universitários aposentados pela ditadura militar.

a tornar-se um dos principais centros de reflexão sobre a sociedade brasileira. Possivelmente também percebia que essa tendência não se manifestava plenamente no curso de História, onde predominavam especialmente pesquisas sobre temas da América espanhola, Idade Média européia, das Antigüidades da Europa, do Oriente etc., embora no caso da Cátedra de História da Civilização Brasileira devam ser mencionadas as teses de Mafalda Zemella, *O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII* (1951) e Myriam Ellis, *O monopólio do sal no Estado do Brasil* (1955).

Estimulado pelas pesquisas efetuadas por professores e alunos da FFCL, e pretendendo colocar os estudos sobre História do Brasil em posição proeminente na USP, Sérgio Buarque realizou atividades diversas. Em todas sempre predominaram dois propósitos: o de formar professores e pesquisadores qualificados para o ensino e a investigação da História do Brasil, e o de introduzir a perspectiva multidisciplinar nos estudos daquela História na Universidade.

Efetivamente, quando um historiador norte-americano, o *brazilianist* Richard Graham lhe perguntou, em entrevista, qual havia sido “sua maior satisfação como historiador”, Sérgio Buarque respondeu:

*“Minha maior satisfação foi ter conseguido formar um grupo de verdadeiros historiadores (...) Eu formei um grupo, mas cada um seguiu seu próprio caminho”*<sup>3</sup>

Nessa afirmação, Sérgio Buarque demonstra quanto interesse tinha no processo de formação de pesquisadores, valorizando sua atuação como professor, mas sem a intenção de criar *escola*. Interessava-lhe sobretudo a diversidade, a pluralidade de temas e perspectivas. Orientou seus discípulos para dar-lhes independência intelectual, e não para aprisioná-los a diretrizes fixas e pré-determinadas. Por esse motivo, na orientação de teses, propunha assuntos os mais diversos, acatando também sugestões dos próprios alunos, quando as considerava relevantes. Orientou-os na valorização da pesquisa empírica, no diálogo com os documentos, e a não guiarem seus trabalhos por modelos teóricos pré-estabelecidos<sup>4</sup>.

<sup>(3)</sup> GRAHAM, 1987, p. 105.

<sup>(4)</sup> Cf. MESGRAVIS, 1988, p. 98 e WITTER, 1988, p. 59.

No entanto, a preocupação de Sérgio Buarque como professor universitário não se esgotava no ensino e na orientação dos que foram seus alunos, orientandos e assistentes. Ele também buscou colaborar na criação de instrumentos que contribuíssem de forma permanente para o processo de formação de professores e pesquisadores em História do Brasil. Esse propósito esteve presente nas suas mais importantes realizações na USP, entre as quais se destacam a coordenação da *História Geral da Civilização Brasileira* e a criação do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB.

Convidado pelo francês Jean Paul Monteil, diretor da editora Difusão Européia do Livro - DIFEL<sup>5</sup>, Sérgio Buarque de Holanda assumiu, a partir de 1959, a coordenação da *História Geral da Civilização Brasileira* - HGCB, um dos mais importantes empreendimentos editoriais do país no campo dos estudos históricos no século XX.

A HGCB é a primeira obra coletiva de História do Brasil. Sua finalidade é analisar aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e outros da História brasileira, com vistas a reinterpretá-las à luz de contribuições de colaboradores especializados no estudo de temas próprios dessa sociedade. É dividida em onze volumes, originalmente publicados entre 1960 e 1984: os dois primeiros, que abordam a época colonial, e os cinco seguintes, que se referem ao Brasil monárquico, foram coordenados por Sérgio Buarque, A direção dos quatro últimos, que tratam do Brasil republicano até 1964, coube ao historiador Boris Fausto, seu aluno na USP. Entre os colaboradores nos volumes da HGCB sob a coordenação de Sérgio Buarque, estão alguns de seus ex-orientandos, como Antonia Fernanda Pacca de Almeida Wright, Maria Teresa Schörer Petrone, Frank Perry Goldman, Suely Robles Reis de Queiroz e Jeanne Berrance de Castro.

A escolha de Sérgio Buarque para a direção da coleção foi fundamental para o sucesso do empreendimento. Além de seu desempenho como organizador da série, cujo sétimo volume, sobre a passagem do Império para a República, é inteiramente de sua autoria<sup>6</sup>, ele deu “a

---

<sup>(5)</sup> Fundada em 1951, com capitais suíços e portugueses, a DIFEL instalou-se no Brasil assumindo a filial brasileira da livraria francesa Garnier Frères. Cf. HALLEWELLL, 1985, p. 575.

<sup>(6)</sup> Trata-se de um dos mais importantes clássicos sobre a passagem do Império para a República. Quando foi publicado, em 1972, Sérgio Buarque estava aposentado da USP. Cf. HOLANDA, 1972.

*arrancada difícil do volume inicial*”<sup>7</sup>. Porém, por que Sérgio Buarque optou pela direção dos tomos relativos aos períodos colonial e imperial? No tocante à colônia, porque provavelmente permanecia interessado no estudo das *raízes* do Brasil. Com relação ao Império, porque possivelmente pretendia ampliar os estudos referentes a esse período, por serem eles relativamente escassos.

A HGCB é essencialmente um produto ligado à USP e à *onda de modernização* dos anos 50 no que se refere à produção do conhecimento científico<sup>8</sup>. A própria DIFEL, à época, incluía-se entre as editoras voltadas para a publicação de livros destinados a leitores com formação universitária, como a bastante difundida coleção *Saber Atual*, tradução da coleção francesa intitulada *Que sais-je?*. Ainda para público com aquela formação, a DIFEL iniciou, em 1960, a publicação da conhecida coleção *Corpo e Alma do Brasil*, dirigida por Fernando Henrique Cardoso. Após ter lançado a versão em português da *História Geral das Civilizações*, coordenada por Maurice Crouzet, e da *História Geral das Ciências*, dirigida por René Taton, Jean Paul Monteil decidiu ampliar a iniciativa da editora, encampando o projeto de uma coleção brasileira nos mesmos moldes, ou seja, uma obra coletiva de nível universitário, elaborada por especialistas em diferentes aspectos da História do Brasil.

Provavelmente Sérgio Buarque aceitou o convite de Monteil para dirigir a coleção porque reconhecia que, ao incluir contribuições de especialistas em assuntos diversos e ao analisar o desenvolvimento da sociedade brasileira em seus variados aspectos, abordando-a como uma *civilização*, a HGCB constituía importante instrumento para o desenvolvimento dos estudos de História do Brasil. Nessa perspectiva, na entrevista a Richard Graham, ele afirmou:

*“Talvez por causa da minha cátedra ser História da Civilização Brasileira, a idéia agradou-me. Não havia nenhum texto adequado, a nível universitário, que resumisse nosso conhecimento sobre a história do nosso país.”*<sup>9</sup>

Portanto, segundo Sérgio Buarque, a HGCB preencheria importante lacuna nos estudos históricos na Universidade. Na sua visão,

<sup>7</sup> FAUSTO, 1988, p. 162.

<sup>8</sup> Acerca do conceito de ondata modernização, cf. CALDEIRA, 2000, p. 8.

<sup>9</sup> GRAHAM, op. cit., p. 106.

ela contribuiria para o processo de formação dos estudantes universitários em História do Brasil, auxiliando-os em seus estudos e pesquisas.

Ademais, é também possível indicar que o propósito de Sérgio Buarque, de introduzir a abordagem multidisciplinar em História do Brasil foi, em parte, contemplado pela coordenação da HGCB, para a qual contribuíram estudiosos de diferentes áreas na análise da História brasileira. Com efeito, impressiona na orientação da HGCB principalmente a recorrência a multidisciplinaridade, caracterizada pela presença de artigos da autoria sobretudo de especialistas da História e das Ciências Sociais<sup>10</sup>.

E ainda: pode a HGCB ser considerada da envergadura de outras coleções eminentes, enquanto importante empreendimento intelectual e editorial voltado para os estudos do Brasil. Sob esse aspecto, ela se coloca ao lado de grandes coleções como a *Brasiliانا* da Companhia Editora Nacional, *Documentos Brasileiros* da Editora Jose Olympio e *Corpo e Alma do Brasil*, editada pela DIFEL.

No entanto, cabe ressaltar que o projeto de Sérgio Buarque de incrementar os estudos em História do Brasil na USP através da formação de pesquisadores e da inserção da perspectiva multidisciplinar naqueles estudos atingiu seu ponto culminante quando ele apresentou, em 1962, a proposta de criação do IEB. De acordo com Sérgio Buarque, com efeito, teria esse Instituto por finalidade incrementar os estudos sobre o Brasil, no meio acadêmico, da perspectiva multitemática e multidisciplinar, apropriada ao estudo da sociedade brasileira como uma civilização, cuja compreensão requer a incursão de perspectivas múltiplas e variadas. Ainda devido a essas características, também é possível considerar que o IEB constitui um *area studies center* voltado para os estudos sobre o Brasil, instituição, neste aspecto, pioneira no país<sup>11</sup>.

---

<sup>(10)</sup> O reconhecimento da abordagem da História do Brasil da perspectiva multidisciplinar por historiadores universitários parece ter se imposto a partir da HGCB, Como exemplo desse reconhecimento, pode-se indicar, entre outros, a obra organizada por Carlos Guilherme Mota, cuja primeira edição é de 1968. Cf. MOTA, 1968.

<sup>(11)</sup> Sobre a criação, instalação, histórico e significados desse Instituto, ver CALDEIRA, op. cit.

## BIBLIOGRAFIA

- CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *IEB: origem e significados (Um estudo sobre o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo)*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.
- CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. pp. 119-129.
- \_\_\_\_\_. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998. pp. 81-88.
- FAUSTO, Boris. Organizando a História Geral da Civilização Brasileira. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1: 162-166, 1988.
- GRAHAM, Richard. Uma entrevista. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade/Rioarte-Fundação Rio, 6: 102-109, julho de 1987.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II. *O Brasil monárquico*. 5º volume. *Do Império a República*. São Paulo: DIFEL, 1972.
- MESGRAVIS, Laima. Aspectos da sociedade paulista no século XIX na visão de Sérgio Buarque de Holanda. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*, São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Arquivo do Estado/USP/IEB, 1988. pp. 93-98.
- MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. São Paulo: DIFEL, 1968. (Corpo e alma do Brasil, v. 22).
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Sérgio Buarque de Holanda, o homem. In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Arquivo do Estado/USP/IEB, 1988. pp. 19-26.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Raízes do Brasil e o modernismo*. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998. pp. 71-80.
- SILVA DIAS, Maria Odila Leite da. Sérgio Buarque de Holanda, historiador. In: SILVA DIAS, Maria Odila Leite da (org.). *Sérgio Buarque de Holanda*, São Paulo: Ática, 1985.

- \_\_\_\_\_. Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *In: Sérgio Buarque de Holanda, vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura Arquivo do Estado/USP/IEB, 1988. pp. 71-79.
- \_\_\_\_\_. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Estudos Avançados*. São Paulo: IEA/USP, 8 (22): 269-274, setembro-dezembro de 1994.
- \_\_\_\_\_. Política e Sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *In: CANDIDO, Antonio (org.). Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. pp. 11-28.
- WITTER, José Sebastião. Sérgio Buarque de Holanda- o professor. *In: Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/ Arquivo do Estado/USP/IEB, 1988. pp. 55-59.

# DIÁLOGOS HEMISFÉRICOS: A FRONTEIRA NA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

(Notícia do livro de Robert Wegner)

Iris KANTOR

Entre nós, parece ser consenso que a obra de SBH é “obra de pensamento”, no sentido atribuído por Claude Lefort<sup>1</sup>. De *Raízes do Brasil* (1936) até os seus últimos escritos, publicados em 1991 (*Capítulos de Literatura Colonial*), a obra de Sérgio Buarque de Holanda se desdobra em múltiplos planos, como uma partitura musical, na qual a articulação dos vários instrumentos permitem uma dada coesão sonora.

O trabalho de Robert Wegner - *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda* (UFMG, 2001) - é sobretudo um convite à reflexão sobre os diálogos travados entre a historiografia brasileira e o pensamento sociológico e historiográfico norte-americano. Apresentado originalmente como tese de doutoramento no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, o livro busca dar uma nova interpretação às obras produzidas nas décadas de 40 e 50, fase em que o historiador transitava do ensaísmo sociológico para a pesquisa histórica mais sistemática. Essa passagem coincidiu com sua vinda para São Paulo, quando deu início à atividade de pesquisador no Museu Paulista (dirigido por Affonso Taunay naquele momento) e começou a lecionar na cadeira de história econômica da Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 1946.

---

<sup>(1)</sup> Claude Lefort. *As formas da história*, trad. Luis Roberto Salinas e Marilena de Souza Chauí, Sao Paulo, Brasiliense, 1979.

A investigação de Wegner dá lugar a um verdadeiro devassamento conceitual das obras *Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1957) e *Visão do Paraíso* (1958). O autor procura reconstituir a originalidade de seu pensamento no âmbito das polêmicas sobre a “herança ibérica” e o problema da modernização, temas que galvanizavam os historiadores latino-americanos (S. Zavala, Belaúnde) e anglo-saxões (Bolton, C. Sanfobrd, G. Williams, Lewis Hanke) desde a Grande Guerra Mundial. Assim, a produção historiográfica ganha nova compreensão quando inserida num quadro de polêmicas internacionais sobre o iberismo e o americanismo.

Partindo da análise de *Raízes do Brasil*, Wegner vislumbra a mutação operada entre a perspectiva defendida neste livro - em que predominaria uma visão genética dos contatos civilizacionais de matriz teutônica - e as obras da fase subsequente, nas quais o historiador teria se apropriado da “teoria da fronteira” para a estabelecer novas possibilidades interpretativas do conceito cunhado por Frederick Jackson Turner em 1893 (em que o teórico se contrapunha às explicações genéticas, inspirando-se nas teorias pragmáticas de Dewey e William James).

Robert Wegner refaz os primeiros contatos de SBH com a sociologia norte-americana em sua viagem de 1941, contextualiza a recepção crítica da teoria de Turner nos círculos intelectuais dos USA; e, finalmente, discute o interesse dos acadêmicos norte-americanos pela história comum entre as duas Américas, naquele momento específico do pós-guerra.

O centro de sua tese reside na rotação de perspectiva sobre a ação colonizadora portuguesa nos trópicos, transformação que teria se beneficiado dos contatos com a sociologia e a historiografia norte-americana nas décadas de 40 e 50. Não se trata de uma mera importação de idéias. Ao contrário, a revisão de sua obra de estréia permitiu, simultaneamente, uma resposta crítica direcionada ao público interno (brasileiro) e externo (norte-americano e europeu). De um lado, havia que mostrar a relevância da experiência histórica comum nas Américas para um público acadêmico que tendia a contrapor os valores norte-americanos ao comunismo, e, por outro, era preciso acentuar as nossas diferenças em relação à experiência norte-americana sem, no entanto, resvalar para uma visão depreciativa do legado ibérico (invocando a reatualização, por exemplo, da Legenda Negra).

Robert Wegner acompanha a forma pela qual o historiador contrastou, matizou e elaborou a noção de “situação de fronteira” na experiência histórica brasileira mediante o confronto com a experiência dos Estados Unidos: diferenças de duração e intensidade dos contatos com o nativo, miscigenação e aculturação de dupla mão, recursos tecnológicos, disponibilidade de terras e controle das fronteiras são alguns dos itens que o autor destaca. De fato, no Brasil não teria ocorrido uma experiência de fronteira no sentido turneriano: aqui, a aventura monçoeira não teria forjado homens com espírito de ferro, mas uma humanidade com a consistência do couro, amoldada as circunstâncias, adaptável as contingências da sobrevivência num meio hostil. Entretanto, Sérgio Buarque de Holanda recupera o que há de melhor na intuição de Turner, ou seja: pensar a fronteira não como realidade geográfica ou geopolítica, mas como forma societária, uma sociedade em movimento... na trilha fecunda de Capistrano de Abreu.

Sem reduzir o legado ibérico a experiência de atraso, mas, ao contrário, mostrando como o iberismo foi dinamizado pela americanização, experiência que transformaria a América num “outro Ocidente”. Logo após seu retorno dos Estados Unidos (1941), negando qualquer forma de panamericanismo, afirmava que as comparações tinham “uma função precípua, a de explicar em nós, americanos de estilo latino, o culto acendrado das virtudes contrárias, de que desejaríamos deter o privilégio. Nossa confiança em nós mesmos necessita dessas muletas para não se abalar, como um Ariel que necessitasse de Caliban para nele ter sua justificação.”<sup>2</sup> Sérgio Buarque, ao inverter as escalas de valores, operava como Montaigne no ensaio *Dos Canibais*.

O trabalho de Robert Wegner reconfigura o xadrez intelectual no qual o historiador esteve inserido, permitindo uma leitura mais complexa de suas afinidades teóricas com os autores alemães, italianos e portugueses. A obra de pensamento de Sérgio Buarque de Holanda se apresenta como um filtro crítico, inspirando uma atitude de desconfiança afável, antídoto contra as análises redutoras da experiência histórica brasileira.

---

<sup>(2)</sup> Considerações sobre o americanismo, São Paulo, Perspectiva, 1978. p. 23-27.

## RARO PRIVILÉGIO: HOMENAGEM A SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Heloísa Liberalli BELLOTTO

Os que tiveram o raro privilégio de ser alunos de Sérgio Buarque de Holanda - e não foram muitos, dado o tempo relativamente curto em que ele atuou na Universidade de São Paulo - têm, em geral, uma forma mais ou menos uniforme de o evocar, recordando suas quatro facetas, ou, pelo menos, alguma delas.

Em primeiro lugar, o professor, que se nos apresentava, em sala de aula, de feito completamente *sui generis*, quando comparado com nossos demais professores (sem desmerecimento algum), relativamente: a forma de transmitir o conhecimento (a anti-didática ou a suprema didática?); a postura física, sentado, mas irrequieto, e fumando desbragadamente...; ao olhar (ai! o olhar...) que, de muito fixo em nós, ia se enviesando e (já o pressentíamos e tentávamos ir junto...), transpunha, em muito e muito, as janelas da Maria Antônia, amarelas de sol poente (eu era do curso diurno, as aulas começavam às 14 horas, mas ele estava sempre mais ou menos atrasado e suas aulas não tinham hora para acabar...e, mais a mais, nem o desejávamos...). Dali se perdia no mundo. O mundo presente, o mundo passado, o mundo futuro, outra vez o passado, o futuro, o presente, o futuro, o passado, o passado, outra vez e outra vez... sem cronologia nem espaços nem limites. Na abordagem do que quer que fosse, em matéria de Brasil português ou períodos regencial ou imperial da nossa história, naquela apenas aparente confusão, apresentava sempre coerência, perspicácia, entendimento e compreensão de tal ordem que jamais ele se perdeu ou se atropelou... E, pobres (ou ricos?) de nós, extasiados, tentando acompanhar o olhar distante, sem deixarmos de nos deter nas palavras (estas, sim, ficavam na vasta sala, felizmente não se iam

com o olhar) e, por meio delas, voar junto do vai-e-vem interminável de seu raciocínio mais-que-brilhante!

Em segundo lugar, o intelectual boêmio e polêmico fora dos muros da academia, de quem nos chegava o eco até aos corredores da Maria Antônia, das noitadas com Vinicius de Moraes e outros artistas e do fato de já ser, nesta altura, na segunda metade dos anos 50 do século XX, “o pai do Chico”. Chico, que na missa de sétimo dia do pai, nos dominicanos das Perdizes, cantava embargado o *que será, que será*, sua composição preferida por Sérgio, em inesquecível clima emocionado, vivido por todos os presentes, a maioria, ex-alunos do saudoso mestre.

Em terceiro lugar, ainda, o permanente polemizador, por via oral e/ou por escrito, com políticos, escritores, historiadores. Líamos ou nos contavam seus teimosos debates, cujo desfecho, muitas vezes era bem humorado, outras vezes, nem tanto. Entretanto, sempre sem medo, sem covardias, sem esconderijos, sem bravatas, sem quixotismos. Só autenticidade e muito, muito saber.

Em quarto lugar, o seu lado, certamente, mais notável, duradouro e, o mais impressionante para todos nós, o do historiador. Tinha - e tem - a ver com toda sua sapiência e conhecimento, presentes nas aulas, mas, postos no escrito, surgem de modo mais sólido e consistente: perfeito estilo e perfeita coerência no uso da língua portuguesa. Como poucos. Os alunos, chegamos aos poucos, à sua escrita. As leituras de textos de seminários, artigos, capítulos, livros, conferências, arguições de teses foram se adensando, pouco a pouco, até termos em mente a “sua” visão da formação do Brasil : o homem, a paisagem e a construção da América portuguesa... a época da regência construindo politicamente o estado e a nação... as tropas e as monções surgindo da obscuridade do desconhecimento para o brilhante esclarecer que eram, no desenvolvimento do Brasil, ações com grandes efeitos, antes insuspeitados. Uma outra nova maneira de sentir o pulsar da nossa história.

Nas exaustivas pesquisas, no Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal, que me levaram ao doutoramento, sobre o governo do Morgado de Mateus em São Paulo, analisando toda a saga do Iguatemi, não raras vezes fazia-me presente, vivamente, o quadro que Sérgio nos pintava,

com realismo impressionante, no curso de especialização sobre as monções, todo aquela inimaginável epopéia do caminho de Porto Feliz a Cuiabá, em grande parte repetida pelos soldados do sonho visionário daquele dinâmico capitão general pombalino na capitania de São Paulo nos meados do século XVIII.

Na verdade, não foram muitos os temas que nosso homenageado abordou. Entretanto, o seu debruçar-se sobre eles, ilumina-os para muito além de seus próprios limites. A historiografia brasileira ganha, com Sérgio Buarque de Holanda, uma feição de maneira indisciplinar, abrangente, volteada, espiralada e integradora, que o torna único entre nossos historiadores.

Orgulháamo-nos dele, os alunos do curso de História, em seus últimos tempos da rua Maria Antônia! Todos nos tínhamos um sonho: sermos historiadores à sua feição e semelhança. Quando redigi minha tese, muitas vezes lembrei-me muito desta nossa vã pretensão, provavelmente, apenas fruto da desmedida admiração que tínhamos pelo notável mestre e pela inconsciência, própria dos jovens, de julgar que tudo podem...

Em Buarque de Holanda, a forma de pensar e trabalhar a história do Brasil e de acreditar no papel humanista da universidade fica - como raro privilégio para a Universidade de São Paulo - para sempre fincada na sua criação, feita a seu feitio e semelhança - o Instituto de Estudos Brasileiros. Os meus vinte anos de IEB foram, no dia-a-dia, um incessante e rico reencontro com o mestre. Ter construído e consolidado minha vida profissional e acadêmica no IEB, tenho como raro privilégio. Sérgio Buarque de Holanda, já no limite de sua gestão, já que o fundador fora o primeiro diretor do instituto, presidiu a banca do meu concurso de ingresso como pesquisadora no Setor de História do Brasil e ainda conversamos algumas vezes a respeito das minhas preferências para os estudos coloniais. Quando comecei a trabalhar já a direção estava a cargo de outro humanista de igual porte, o Professor José Aderaldo Castello. O projeto de interdisciplinaridade e, ao mesmo tempo, de integração dos estudos brasileiros na área das ciências humanas e sociais, com que fora pensado o IEB por Buarque de Holanda, teve uma bem encaminhada e exitosa continuidade.

O professor, o boêmio, o polemista, o historiador, o idealizador de um instituto agregador das humanidades na Universidade de São Paulo, está sempre presente, de alguma forma, na trajetória de seus antigos alunos e na atuação das equipes técnicas e científicas do Museu Paulista, que também dirigiu, assim como na das do IEB. Na minha trajetória acadêmica e profissional, Sérgio Buarque de Holanda significou o protótipo, O que, não obstante o seu teor de quimera, ainda assim, não deixa de ser um raro privilégio.

# SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E A PESQUISA

Maria Thereza Schorer PETRONE

O que chama atenção nas obras de Sérgio Buarque de Holanda, além da originalidade das abordagens dos temas, da fluidez da narração e da precisão da linguagem, é a pesquisa nas fontes. A pesquisa é, sem dúvida, uma das principais facetas que as obras do grande historiador Sérgio Buarque de Holanda apresentam. Pesquisas nas mais variadas fontes, procurando recuperar sempre documentos novos e amplas leituras complementares, mostram a grande versatilidade do historiador Sérgio Buarque de Holanda, cujo centenário de nascimento se comemora em 2002. Muita pesquisa, diálogo com a bibliografia e muita reflexão levam esse historiador a argutas interpretações do passado.

Suas obras podem ser definidas como multifacetadas, abordando um vasto leque de temas, com encaminhamentos inusitados e consulta a imensa documentação. Usa todos os caminhos possíveis, recorrendo, não só a métodos e teorias próprias dos historiadores, como também ao auxílio de outras ciências humanas, tais como a antropologia, a sociologia, a filosofia ou a literatura. Procura por os resultados das pesquisas sob o enfoque multidisciplinar. Usa com grande erudição procedimentos e informações de todas as ciências humanas.

Um exemplo seria o capítulo “São Paulo” (in História Geral da Civilização Brasileira, Brasil Monárquico Tomo II, Vol. 2) em que o historiador não se impôs restrições ou limites para descrever e interpretar o assunto, indo desde o cultural até o econômico, passando pelo político e social, sempre usando ampla e variada documentação.

Para conhecer o que Sérgio Buarque de Holanda pensava da pesquisa, conviria ler o prefácio ao livro do antropólogo Emilio Willems “Cunha-Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil”, em que diz

ser oportuno “salientar até onde as pesquisas como a de Emilio Willems podem ser de préstimo nos estudos de história. Cabe agora, e para terminar, insistir que a recíproca também é verdadeira”. E, é justamente por essa facilidade de transitar por tantos campos das ciências humanas, que suas obras, além de um rigor extraordinário quanto ao empírico, se tornam instigantes e, por que não dizê-lo, agradáveis de serem lidas. Recorrendo a dados até então desprezados pelos historiadores e dispersos em inúmeros documentos, usando algumas técnicas de antropologia, procurou desvendar um passado pouco conhecido em que o cotidiano desempenha papel interpretativo em “Caminhos e Fronteiras”.

A documentação que Sérgio Buarque de Holanda usa é vastíssima e diversificada; vai desde escritos medievais até fontes encontradas nos arquivos de Cuiabá, de São Paulo, do Rio de Janeiro ou de outro município. Recorre a documentos existentes na Europa, na América, relembra obras clássicas da historiografia ou que narram aspectos pouco conhecidos do passado, sem esquecer as de cronistas e de viajantes e as coleções de documentos publicados.

Embora tivesse profundo conhecimento de teorias e de métodos a serem usados pelos historiadores em seus trabalhos, pouco se refere a eles. Para verificar o quanto conhecia as ferramentas teórico-metodológicas e com que habilidade e erudição as usava, basta ler “O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke” na Revista de História, num. 100. No entanto, o encaminhamento da narração de seu objeto de pesquisa e a reflexão sobre os dados empíricos, raramente apresentam uma discussão teórico-metodológica. Teoria e método fluem naturalmente no jeito de abordar o tema. Em fim, o grande historiador não se tornou refém da grande mania que dominou o ensino da História nas universidades principalmente a partir da década de 1960, quando, por uma “mão invisível”, se impôs que nenhum trabalho de história pudesse ser escrito sem uma introdução teórico-metodológica, que depois se verificava muitas vezes sem relação com o encaminhamento do assunto.

Sérgio Buarque de Holanda em seus comentários críticos publicados em jornais e em revistas usa abundantemente dados oriundos de suas pesquisas em documentos, como acontece com a apreciação do livro de Gilberto Freire “Ingleses no Brasil”. Mostra com extrema habilidade que o pão e o trigo eram conhecidos no Brasil muito antes de 1808, quando,

segundo o estudioso pernambucano, os ingleses o teriam introduzido. Invoca para tanto grande número de fontes do período colonial como a documentação paulistana, baiana, mineira, dos Campos Gerais, etc. Por fim, cita um Almanaque do Rio de Janeiro, de 1794, para demonstrar o engano cometido pelo estudioso pernambucano.

Sempre usava as fontes com muito cuidado, fazendo uma triagem crítica rigorosa. No prólogo a “Historia de Nicolás I: Rey del Paraguay e Emperador de los Mamelucos”, Sergio comenta a posição de Voltaire quanto a este episódio e afirma “que o historiador nunca pode fazer uso das vagas notícias”... “sem antes tê-las submetido às regras cartesianas”.

Ainda poderia se citar o debate de Sérgio com Jaime Cortesão em “Um Mito Geopolítico; a ilha Brasil” (in Tentativas de Mitologia) em que argumenta de maneira conclusiva com seu inesgotável conhecimento da documentação pertinente. Com informações baseadas nas mais variadas fontes, realiza uma discussão em alto nível, conseguindo convencer inteiramente... e o aprendiz de historiador teria muito a ganhar, lendo atenciosamente este trabalho e observar acuradamente como os documentos foram usados.

O historiador Sergio também não se prendia a modismos, embora conhecedor e debatedor de tudo de novo que aparecesse no campo da historiografia. Sabia separar modismos esteréis de trabalhos realmente inovadores com temáticas interessantes que alargassem o conhecimento do passado. E isso se percebe em toda sua obra, seja em artigos, seja nos seus livros mais consagrados; em tudo aparece a atenta pesquisa em fontes.

Incansável nas pesquisas de sempre nova documentação, o historiador não raro chama atenção sobre problemas da historiografia brasileira, problemas esses que vão desde a ausência ou descuido com a documentação, até a interpretações apressadas desvinculadas dos resultados dos estudos das fontes.

Mostra a ênfase que a historiografia dá a certos assuntos, deixando de lado outros que se interpenetram e que também precisam de pesquisa para uma melhor interpretação do passado. Achava importante estudar “certos aspectos da história do Brasil, freqüentemente obscurecidos pela atenção absorvente que se tem dado a fenômenos tais

como “sociedade patriarcal”, “feudalismo”, lavoura latifundiária e pela obstinada cegueira diante da marca do capitalismo internacional presente na formação brasileira desde os inícios”, como escrevê no prefácio do livro “O Barão de Iguape; Um Empresário da Época da Independência” de minha autoria.

Seus trabalhos revelam essa preocupação, como por exemplo a introdução à “Memória de um Colono no Brasil” de Thomas Davatz, o artigo “Movimentos da população em São Paulo no século XVII” (in Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, num. 1, USP), os livros “Caminhos e Fronteiras”, “Monções”, “Visão do Paraíso” e muitos outros trabalhos. Aliás, escreve na introdução do livro de Davatz que o historiador deve deixar falar “a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história”. E aí que está justamente a importância do historiador Sergio Buarque de Holanda. Ele abriu caminhos novos, influenciou um grande número de pesquisas de temas pouco conhecidos e levou toda uma geração de historiadores de São Paulo, principalmente da USP, a uma reflexão mais acurada sobre a pesquisa na documentação e a procura de sempre novas fontes.

Criatividade, espírito crítico, dialética, teoria e estilo estão sempre a serviço do novo interpretativo que a pesquisas nos documentos pode revelar. É sempre a procura de documentos - às vezes árdua - que dirige o desenvolver de toda sua obra. Para terminar, convém transcrever o depoimento de Suely Robles Reis de Queiroz (in Sérgio Buarque de Holanda, Vida e Obra): “Com ele aprendemos a valorizar a garimpagem nas fontes, a procurar o fio da História em elementos aparentemente sem ligação entre si, acatularmo-nos com os modismos, a manter a preocupação com a historicidade”.

# SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: UM DURADOURO ENCONTRO

Esmeralda Blanco Bolsonaro de MOURA

“E aqueles que estiveram comigo nas horas  
concluídas

Ainda impressionam o ar”.

Joaquim Cardozo.

*(Poesia da Presença Invisível, in Félix, 1978,  
p.86).*

Em 1997, decorridos quinze anos da morte de Sérgio Buarque de Holanda, apresentamos ao Centro de Demografia Histórica da América Latina - CEDHAL, a proposta de colóquio sobre o consagrado historiador. Acolhida pela direção do CEDHAL, na pessoa da Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara, a proposta procurava atender à reivindicação de alunos de Pós-graduação que se diziam ansiosos em ver discutido o conjunto da produção intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, sua contribuição para a historiografia brasileira, bem como sua passagem pela Universidade de São Paulo. Mais do que isso, era possível perceber que movia-os a curiosidade intelectual de desvendar não somente o historiador mas, o homem em suas várias dimensões, bem como sua própria inserção na História do país cujas raízes buscara compreender e dar a conhecer.

Excelente pretexto para recordar os anos derradeiros da década de 1960, nossos primeiros contatos com a Universidade e o fato de que nós - que havíamos então recentemente ingressado no curso de História - não lográramos partilhar da presença de Sérgio Buarque de Holanda. Experimentando ainda uma inevitável sensação de perda, lembramo-nos

de uma tarde em que, nos corredores do Departamento de História foi possível divisar, pela última vez, o perfil de Sérgio Buarque de Holanda, que alguém apontou como o “pai do Chico”, de resto como ele próprio - ao que dizem (Prado, 1992, p. 1) - gostava de se apresentar. Nosso encontro foi rápido demais, pautado na observação discreta de estudante que não ousou se aproximar, encontro do qual ele sequer se apercebeu mas, que marcou nossos primeiros semestres de aluna do curso de História, cientes já de sua despedida da Universidade. Formalmente, sua carreira estava se encerrando ali, em decisão cunhada na convicção de que deveria ser solidário aos professores cassados pelo regime militar e repudiar a intervenção na Universidade de São Paulo. Essa decisão de afastar-se das funções que nela exercia, imprimia à aposentadoria de Sérgio Buarque de Holanda, o diferencial de traduzir-se em atitude política, em demonstração de que ainda era possível a manifestação de liberdade de expressão - e de escolha - em tempos que marchavam sob os ditames do AI-5.

Em nossa inexperiência de estudante, jamais teria sido possível imaginar que aquele encontro rápido, contraditoriamente solitário, seria infinitamente duradouro. Em 1998, em artigo publicado na Revista USP, José Sebastião Witter, lembrando a convivência com Sérgio Buarque de Holanda como aluno, orientando, assim como na docência, afirmava que, ao decidir-se pela aposentadoria, “saía de cena, na Universidade, o homem que trouxera brilho impar aos estudos de nossa vida acadêmica” (Witter, 1998, p. 22). Mas, o seminário realizado no CEDHAL - e que não sem propósito, fora intitulado de *Formando historiadores*, - havia demonstrado que, se a carreira de Sérgio Buarque de Holanda encerrara-se formalmente em meio aos dissabores da década de 1960, o historiador - homenageado com a presença e o depoimento de seus discípulos e não somente a partir da discussão de suas obras e de sua importância na e para a historiografia brasileira - não saía de cena, perpetuando-se no cenário da Universidade, naqueles que havia formado e, através deles, nas gerações posteriores\*.

---

(\*) Participaram do colóquio, cuja coordenação compartilhamos com a Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara, também os Professores Doutores José Sebastião Witter, Laima Mesgravis, Maria de Lourdes Monaco Janotti, Maria Odila Leite da Silva Dias, Maria Thereza Schorer Petrone e Suely Robles Reis de Queiroz, todos do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O colóquio foi gravado em vídeo pelo Centro de Apoio à Pesquisa em História - CAPH.

Em maio de 1981, em conhecida entrevista ao historiador Richard Graham, da Universidade do Texas, Sérgio Buarque de Holanda afirmava que sua maior satisfação como historiador residia no “sucesso em formar um grupo de historiadores de verdade” sem, no entanto, deixar de frisar que havia formado um grupo mas, que era dado a cada um seguir “seu próprio caminho” (Ciência e Cultura, 1982, p. 1177). É Witter, ainda, quem faz referência às sólidas “bases (...) deixadas pelo professor”, permeadas pelo espírito aberto do Mestre, conforme o reverencia (*op. cit.*, p. 27). Espírito aberto, que talvez explique o historiador preocupado em “fazer falar a multidão”, (Holanda, 1980, p. 44)) bem como o crítico literário que situava a função maior da crítica na decisiva possibilidade de “colaborar para o esforço de recriação” (Prado, *op. cit.*, p. 1) e que a abandonara - dizia - porque nela, ainda que fosse considerado audacioso, não se sentia “à vontade” (Senna, 1968, p. 112 *apud* Schapochnik, 1999, p. 182).

Talvez, uma referência para ilustrar essa postura, esteja em *Raízes do Brasil* quando, reportando-se à “mentalidade criada ao contato de um meio patriarcal”, não hesita em apontar, para a juventude, a importância de “viver por si”, de libertar-se revendo “interesses, atividades, valores, sentimentos, atitudes e crenças adquiridos no convívio da família” - para alcançar o necessário senso de responsabilidade, liberdade cuja importância colocava em patamar semelhante ao dos conhecimentos ministrados pelas faculdades (Holanda, 1976, p. 104). Outra referência possível estaria na apresentação às *Obras Econômicas* de Azeredo Coutinho, onde destaca o fato de que o mesmo, apesar do apego a idéias avançadas, em relação a seus contemporâneos, manteve-se “política e socialmente um conservador”, verdadeiramente “inverso aos ideais democráticos”, acentuando que

“No fundo nunca se despreendeu da velha tradição familiar, tradição de grandes proprietários e lavradores, e assim, nem a experiência universitária, nem o estado clerical, nem a viva curiosidade de espírito, que o levava a absorver uma ou outra doutrina progressista da época, chegariam a apagar nele o vinco do senhor rural.” (Holanda, 1966, pp. 25/26),

Em suma, identificava no peso das tradições - ainda ao sabor das convicções modernistas - férreos grilhões e laços pouco fecundos a orientar o destino dos mais jovens. As palavras de Witter, referindo-se a

ele como “um grande professor”, somam-se às observações acima, ilustrando-as com o sentido que imprimia à prática da docência na sua mais ampla expressão: “Sabia ensinar e preparar seus assistentes e fazer deles profissionais conscientes de suas responsabilidades”, orientando “sem castrar”, mostrando “os caminhos” e respeitando, “sobretudo, a personalidade de cada um” (*op. cit.*, p. 25).

A trajetória do intelectual que havia partilhado da efervescente intelectualidade dos anos 20 e que nos anos 30 traria à luz *Raízes do Brasil*, deitaria na Universidade de São Paulo suas próprias raízes, fazendo-as frutificar em projetos que resultariam na coleção *História Geral da Civilização Brasileira* e na criação, na década de 60, do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB. Em ambos, seu olhar diferenciado sobre a História e as Ciências Humanas, deixaria lastros importantes tanto em termos do conhecimento histórico, quanto em termos do vigor da multidisciplinaridade, da qual sua própria formação e sua experiência de vida constituíam o mais vivo exemplo, somada, ao pesquisador incansável na tentativa de desvendar o Brasil, a capacidade de crítica conferida pela erudição. Sua permanente atualidade é, sem dúvida, resultado da capacidade de mostrar caminhos, de flexibilizar as fronteiras do conhecimento, de procurar mostrar um Brasil “em movimento” - como dizia - e não simplesmente urbano ou “olhando para o Atlântico” (*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1179), de ter colocado o dilema de entender uma cordialidade esgarçando-se na violência, de ter descoberto um outro Brasil, menos povoado de heróis mas, profundamente crivado de “figurantes mudos” (Holanda, 1980, p. 44), de ter se antecipado nos estudos da população brasileira, de suas práticas culturais, de seu “triste viver cotidiano e caseiro” (Holanda, 1986, p. 26), de ter desbravado com sua pena de ensaísta, o Brasil indígena, negro e mestiço. Resultado, em suma, do fato de não ter sido seduzido por fórmulas simplificadoras e redutoras da “complexidade dos processos históricos” (Idem, p. 90) mas, de ter se lançado ao universo das fontes, em busca de um Brasil mais autêntico.

Esse outro olhar, perscrutando nosso passado, olhar que, afirmava, tornou-se mais apurado no distanciamento em terras alemãs, flui ainda hoje de seus textos, convidando-nos a um mergulho profundo no passado e em nós mesmos, fazendo-nos rever convicções, identificar tensões, descobrindo-o invariavelmente como pioneiro em vários sentidos. É Rubens Borba de Moraes quem, apresentando um dos volumes da

coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, apropriadamente chama a atenção, na contracapa, para o fato de que nele,

“a vida espiritual, as ciências, a economia, as letras e as artes (...) tomam o lugar predominante. Esses aspectos da vida nos tempos coloniais, até agora estudados isoladamente, integram o panorama geral e tomam o seu devido lugar no quadro da nossa evolução histórica. É grato notar que pela primeira vez numa história do Brasil estuda-se a música, as finanças e até a medicina nos tempos coloniais” (Moraes *in* Holanda, 1960).

Como se percebe, os traços da historiografia brasileira alual estão lá, visíveis há mais de três décadas, como indelévels sintomas da sensibilidade aguçada que movia o historiador rumo a novos objetos e abordagens. Alargando, enriquecendo com novas nuances os horizontes da História do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda imprimiria novos tons às possibilidades de fazer História. Ainda assim, responde a Graham, na entrevista citada, que não sabe dizer se teria influenciado seus alunos, “se poderia falar de influência”, mas que sabia haver estado “sempre próximo a eles” (*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1177).

Essa proximidade, que incluía o relacionamento com os alunos, para além dos muros da universidade - e que segundo relata, às vezes os surpreendia, como no Chile, quando pergunta se haveria “um bom restaurante onde (...) todos” pudessem ir (*idem*) - flui das lembranças de Witter, ao referir-se aos “encontros na rua Buri, 35” - residência do Mestre - e à “convivência com o dr. Sérgio naquela sala de estar”, como experiência ainda hoje inspiradora, porque “está sempre presente” quando começa “a escrever uma pequena crônica ou um trabalho de fôlego” (Witter, 1998, p. 24).

As menções ao Professor Sérgio não excluem sua presença em sala de aula. Aulas que eram, na impressão registrada por Witter, “verdadeiras conferências (...) muitas delas difíceis de entender”, resultado da erudição do Mestre, detentor de dados nem sempre presentes no referencial dos alunos, o que fazia com que fosse ao mesmo tempo, admirado e detestado por eles que,

“Somente mais tarde, muito mais tarde”, iriam “entender a importância de suas exigências” (Witter, *op. cit.*, p. 23).

Há, ainda, outras menções referentes a Sérgio Buarque de Holanda como expositor e que dizem respeito, não à complexidade de seus conhecimentos e de seu pensamento mas, a características pessoais do Mestre, como “a fala difícil, muito arrastada, (...) o jeito de falar meio enfadonho”, a dicção pouco clara, conforme afirmações atribuídas a Francisco Iglésias e publicadas pelo suplemento *Cultura* - do jornal *O Estado de S. Paulo* - por ocasião do 10º aniversário da morte do historiador (Castello, 1992, p. 3). O próprio Sérgio Buarque de Holanda não omite, respondendo a Graham, as “frequentes obscuridades” nas quais tropeçava ao retomar o que havia escrito “há algum tempo”, obscuridades “de que não tomava conhecimento antes, a despeito das advertências” dos “amigos”, frisando haver envidado esforços para superar o fato de que

“falava e escrevia como se fosse só para [si] mesmo sem consciência da pessoa a quem [se] dirigia ou do eventual leitor”(*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1182).

Essas características, no entanto, não o impediram de tornar-se “homem de escrita viva e elegante”, assim como não aparecem sobrepostas ao erudito, ao bom professor e orientador, e mesmo ao “homem divertido, que adorava contar piadas, fazer observações acuradas e comentários maliciosos” - o que teria impregnado de folclore sua história de vida - enfim, ao homem que, como conclui Iglésias, era difícil não admirar. (Castello, 1992, p.3).

Releva situar, ainda, a passagem da entrevista a Richard Graham na qual, relatando sua chegada à cidade de Chicago, foi recebido na estação ferroviária por uma senhora que afirmou reconhecê-lo porque estava levando um guarda-chuva. Menção sutil ao fato de que frequentemente somos levados pela exterioridade daquilo que nos é dado observar? Pode ser. O fato é que Sérgio Buarque de Holanda revela-se, na entrevista, um observador de olhar aguçado sobre o comportamento humano e sobre as próprias reações diante das experiências que logrou viver no decorrer de sua trajetória de intelectual quer no Brasil, quer fora dele, não omitindo passagens - conforme ficou claro anteriormente - nas quais relata suas próprias dificuldades, como não falar “muito inglês” ou ter de copiar “às pressas” o que havia no Consulado Brasileiro “sobre a produção de borracha no Brasil” para encher de dados os ouvidos americanos e não ser instado a “responder a nenhuma pergunta sobre o

assunto”. Assim como, não omite ocasiões em que reconhece haver trabalhado “duro, até tarde da noite, lendo e relendo freneticamente”, focalizando a própria trajetória como uma “conquista gradual” e não como “dádiva milagrosa” (*Ciência e Cultura*, 1982, pp. 1181/1182).

As lições que Sérgio Buarque de Holanda deixou são inegáveis e não se resumem somente na inquestionável erudição, no olhar penetrante ao indagar o passado mas, no presente cultivado - conforme faz questão de frisar na citada entrevista - no contato pessoal com os alunos - sem dúvida, uma fonte de transmissão de conhecimentos tão rica quanto os espaços formais da academia - e que provavelmente traduzia a transposição para a vida prática, daquele que havia sido, para ele, o principal significado do Modernismo, ou seja, a “ruptura com o formalismo das tradições mais antigas” (*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1180).

Se, respondendo mais uma vez a Graham, identifica no golpe de Estado de 64 efeitos negativos em relação à produção histórica no Brasil, é importante lembrar que, buscando o entendimento pleno de nossas questões no confronto, no contraponto, na similitude e na diversidade ou, como resume Antonio Candido ao elucidar o significado de *Raízes do Brasil*, apoiado “sobre uma admirável metodologia dos contrários”(Candido *in* Holanda, 1976, p. XIV), sua obra lançaria uma outra luz sobre nossa própria caminhada na História, iluminando assim, a despeito das trevas, os caminhos que a historiografia ainda iria trilhar. De fato, de Sérgio Buarque de Holanda não herdamos apenas conhecimentos mas, cumpre indagar: quantas inquietações sua análise de nosso passado não fez brotar nos estudiosos que o sucederam, tenham ou não convivido com ele? Quantas sugestões não semeou, com suas obras, no espírito das futuras gerações de historiadores?

Resta lembrar - sobretudo porque para ele não se tratava de mero formalismo - a ênfase na importância de escrever bem, de buscar “a palavra correta, não a floreada - ou frondosa - mas a exata e incisiva”, e o conselho que, argüido por Graham, “daria aos historiadores mais jovens”:

“(…). Você deve ser conciso, se não por outra razão, somente porque, de outro modo, o leitor pode cansar-se de *você*” (*Ciência e Cultura*, 1982, p. 1182).

Não há, provavelmente, forma mais correta de resumir o propósito deste texto, - assim como a forte impressão deixada pelo

seminário realizado no CEDHAL - do que recorrer mais uma vez à palavra de Antonio Candido - correta, exata, incisiva e, portanto, bem ao gosto de Sérgio Buarque de Holanda - ao introduzir *Capítulos de Literatura Colonial*:

“Ainda depois de morto, Sérgio Buarque de Holanda mostra a vastidão do seu saber, a precisão do seu juízo e a originalidade dos seus pontos de vista, comprovando que havia nele um grande crítico ao lado do grande historiador, um dos maiores do sécu!o” (Candido, 1991, p. 1).

Aquele que poderíamos chamar de encontro **sobre** Sérgio Buarque de Holanda configurou, na presença daqueles que com ele haviam convivido nas salas de aula, que haviam partilhado não somente de sua erudição e ensinamentos mas, de sua vida no aconchego da família, um verdadeiro encontro com Sérgio Buarque de Holanda. Momento, portanto, privilegiado para refletir, acima de tudo, sobre seu legado, firmou de fato a convicção de que sua presença entre nós não se esgotou e, possivelmente, não se esgote nunca. A convicção, enfim, de que o legado de um professor - quando se trata de um intelectual completo - não se esgota no ato de encerrar formalmente a carreira, sejam quais forem as circunstâncias, de que seus ensinamentos, como sementes lançadas em terra fértil, germinam a despeito das tempestades, renascendo e renovando-se sempre. Ou, como diria mais uma vez o poeta,

“Cresceram, cresceram as árvores da noite,  
Subiram das cavernas, dos poços e das minas,  
Sobre mortas raízes renasceram, sobre pétreas raízes  
E as frondes elevaram além dos círculos celestes”  
Joaquim Cardozo.

(*Prelúdio e elegia de uma despedida*, in Félix, 1978, p. 88).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio, “Livro inédito de Sérgio Buarque de Holanda”. **Cultura**, suplemento de *O Estado de S. Paulo*, 15 de junho de 1991.
- CANDIDO, Antonio. “O Significado de Raízes do Brasil”, in Sérgio Buarque de Holanda, **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

- CASTELLO, José. “FoIclore. Divertido e malicioso, só quando estava com amigos”. **Cultura**, suplemento de *O Estado de S. Paulo*, 25 de abril de 1992.
- ENTREVISTA a Richard Graham, publicada na *Hispanic American Historical Review*, 62 (1), 1982, Duke University Press, EUA, pp. 3-17. Traduzida por Alcides Jorge Costa e publicada em **Ciência e Cultura**, 34 (9), setembro de 1982, revista da SBPC, São Paulo, com o título de “Uma Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda”.
- FÉLIX, Moacir. “Nosso Adeus a Joaquim Cardozo”. **Encontros com a Civilização Brasileira**, nº 6. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, dezembro de 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Apresentação”, in **Obras Econômicas de J. J. da Cunha de Azeredo Coutinho (1794-1804)**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Extremo Oeste**. São Paulo, Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1986.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Prefácio”, in Thomas Davatz, **Memórias de um Colono no Brasil (1850)**. Tradução: Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia, 1980.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 10ª edição. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976.
- MORAES, Rubens Borba de. “Contracapa”, in Sérgio Buarque de Holanda, direção. **História Geral da Civilização Brasileira**, tomo I, A Época Colonial, volume 2, Administração, Economia e Sociedade. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
- PRADO, Antonio Arnoni. “Sérgio Buarque de Holanda: o intelectual que em uma crítica mobilizava a civilização ocidental”. **Cultura**. Suplemento de *O Estado de S. Paulo*, 25 de abril de 1992.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Sérgio Buarque de Holanda, um crítico impertinente”, in Antonio Celso Ferreira e outros, organizadores. **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- WITTER, José Sebastião. “Sérgio Buarque de Holanda - algumas lembranças”. **Revista USP**, São Paulo (38): 20-27, junho/agosto de 1998.

# SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, HISTORIADOR E PIONEIRO DOS ESTUDOS POPULACIONAIS\*

Eni de Mesquita SAMARA

A obra produzida por Sérgio Buarque de Holanda é, sem dúvida, instigante e oferece um leque variado de opções aos pesquisadores e por isso ocupa um lugar de destaque na historiografia brasileira. E é justamente essa riqueza de conteúdo e de reflexões que permitem sempre novos olhares que apontam para nuances ainda pouco exploradas nas análises anteriores, como é o caso da sua contribuição para o desenvolvimento dos estudos populacionais no Brasil.

Assim, uma releitura do seu artigo **Momentos da população em São Paulo no século XVII**, publicado em 1966, no primeiro número da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, faz-se necessária especialmente no que tange ao núcleo de infonnações demográficas ali contidas. Soma-se a isso os vários caminhos de pesquisa que o autor aponta, o que evidencia a sua contribuição original e inovadora, senão pioneira nessa area do conhecimento.

O objetivo é justamente o de entender a dinâmica da formação e expansão territorial que deu origem ao atual Estado de São Paulo, enfatizando especialmente os seculos XVII e XVIII, momento em que as

---

(\*) Trabalho apresentado no "Colóquio Sérgio Buarque de Holanda", realizado em 19 de agosto de 1997 pelo CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina).

estatísticas são bastante escassas e incompletas tendo que ser coletadas em fontes documentais diversas. E é impressionante o esforço do historiador em reunir essas informações interpretando-as de forma crítica.

Um primeiro ponto que chama a atenção no artigo é a questão da rápida expansão territorial na área paulista que, segundo o autor, apresenta características singulares, se comparada aos moldes da América portuguesa [p. 55]. E entre as razões apontadas para isso está a escassez do espaço disponível para os novos proprietários e o regime de trabalho rural que visava lucros imediatos sem a preocupação de reaproveitamento das terras, o que explica num primeiro momento, o movimento da população.

Interepassante é também observar as decorrências desse processo no cotidiano das populações e nas possibilidades de controle por parte do Estado português sobre esses habitantes. Sem dúvida, dispersão e flutuação demográfica se constituíam em entrave para o exercício do poder sobre os grupos dominados e também na sua contabilização por parte das autoridades constituídas. [pp.62-67] Tal fato reflete, portanto, em uma maior dificuldade para realizarmos estudos demográficos no período.

Um outro aspecto importante nesse artigo e extremamente inovador é quando o autor alerta os pesquisadores para o problema dos párias nessa sociedade que são indivíduos despossuídos cujo registro não se dá, muitas vezes, nem no momento da morte. E quanto a isso, observa que formavam um contingente populacional considerável servindo de mão-de-obra para trabalhos penosos em que muitas vezes nem se utilizavam escravos. [pp. 79-82]

E é com base nessas “hipóteses” que Sérgio Buarque de Holanda analisa os dados populacionais de Nuto Sant’Ana tentando entender os fluxos e refluxos da população ao longo de um século de existência da vila de São Paulo, como se percebe no quadro a seguir:

### Quadro 1

#### Realidade demográfica de São Paulo, segundo Nuto Sant'Ana

1601-1605-374	1651-1655 - 534
1606-1610-534	1656-1660 - 438
1611-1615-483	1661-1665 - 471
1616-1620-530	3666-1670 - 370
1621-1625-600	1671-1675 - 441
1626-1630-541	1676-1680 - 471
1631-1635-625	1681-1685 - 758
1636-1640-772	1686-1690 - 513
1641-1645-806	1691-1695 - 332
1646-1650-503	1696-1700 - 290

Fonte: HOLANDA, Sérgio Buarque de - **Movimentos da população em São Paulo no século XVIII**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, 1966, nº 1, p. 65.

Assim, como contextualizar tantas alternâncias ao longo do tempo?

Explicando que Nuto Sant'Ana chegou a essa elaboração com o auxílio de várias e abundantes fontes históricas, capazes de dar conta com certa aproximação da realidade demográfica da área, não deixa, entretanto, de fazer uma análise crítica dos resultados apresentados.

Para ele “De tais cifras, não se pode, evidentemente, esperar que supram, de modo cabal, a completa ausência de censos demográficos para os períodos que visam cobrir. É de presumir que elas não só excluirão em certos casos parcela mais ou menos ponderável de moradores ou vizinhos de São Paulo, como eventualmente hão de computar indivíduos que a rigor pertenceriam a outras vilas, por se acharem de ordinário nelas domiciliados com suas roças e bens móveis, já que uma discriminação

precisa se faz quase impossível neste particular. O mais que delas resulta é uma noção mais clara das flutuações demográficas que então se registram entre povos de tão intensa mobilidade, além de um instrumento precioso para se medirem aspectos dos mais significativos na vida da comunidade.” [pp.65-66]

É a partir desses dados e da questão da mobilidade que Sérgio Buarque de Holanda aponta um outro caminho importantíssimo de pesquisa, bastante presente nos estudos de família e de gênero nos anos 70 e 80 deste século - que é a razão de sexo e a forte presença feminina na vila de São Paulo. Sendo assim, o que veio surpreender os pesquisadores nessa fase e é apontado como novidade já aparece nesse artigo, o que, sem dúvida, realça o seu caráter pioneiro nos estudos demográficos. Diz o autor que “Durante grande parte da era seiscentista, o dizer que S. Paulo se encontra praticamente destituída de sua população masculina, e que nela apenas sobram mulheres, velhos e crianças, torna-se quase refrão nos textos municipais. Desde 1596, aliás, dizia-se em mais de uma ata da Câmara que todos os homens válidos eram idos com o capitão Jerônimo Leitão à guerra do gentio, não restando senão mulheres. E em 1628, segundo resulta de conhecida relação jesuítica, só se tinham deixado ficar na vila vinte e cinco indivíduos capazes de tomar armas, além dos velhos, que pela sua muita idade já não podiam caminhar nem pelejar.” [p. 67]

Assim, quais seriam para São Paulo os reflexos desse processo?

As análises dos censos demográficos posteriores vistos pelos historiadores, especialmente aqueles do final do período colonial (entre 1765 e 1848), mostram as inúmeras conseqüências da migração masculina para outras áreas que não são apontadas pelo autor. Os resultados são sentidos na formação de famílias, nas chefias de domicílio e na própria estrutura ocupacional que era típica dos centros urbanos pobres de recursos que pouco ou nada interessavam à população masculina que saía em busca de novas terras, oportunidades, aventura e enriquecimento. Isso, sem dúvida, deu mais poder e novas oportunidades às mulheres que penetraram em espaços antes reservados aos homens, mas também dificultou os casamentos aumentando o número de celibatários e de

famílias constituídas ilegitimamente. Em 1836, por exemplo, em São Paulo, cerca de 30% dos fogos eram chefiados por mulheres.<sup>1</sup>

Na verdade, Sérgio Buarque de Holanda estava mais preocupado no artigo com o desdobramento de outras questões, ou seja, entender os porquês da flutuação dos dados demográficos nos setecentos conforme pudemos observar na tabela que mostramos anteriormente.

As razões estariam vinculadas à própria qualidade de vida no planalto em razão das pestes (bexigas, varíola, etc.), doenças trazidas pelos africanos escravizados e períodos de fome. [pp. 69-79] Chama a atenção também para as causas climáticas e seus efeitos sobre as lavouras. [p. 78] E tudo isso, sem dúvida, alterava o equilíbrio vital provocando baixas na população. Essas razões, somadas ao problema da falta de registros (dos párias principalmente) resultaram em um quadro populacional baseado em estimativas para a população da época.

Com essas ponderações, o autor com certeza, é um dos primeiros a alertar para esse ponto e também pioneiro ao indicar a importância de fontes documentais como os Maços de População e os registros paroquiais que constituem, ainda hoje, as principais ferramentas de trabalho dos demógrafos-historiadores.

Outro aspecto a salientar no trabalho é o problema da qualificação dos habitantes. Veja-se, por exemplo, o quadro a seguir, [p. 86] onde os dados agregados nos dão outra dimensão da população na Capitania.

Com base nesses registros, analisa o contingente populacional contabilizado na Capitania, estabelecendo comparações entre brancos, índios e negros nas diversas localidades, o que, sem sombra de dúvida, é de grande importância para os estudos populacionais, especialmente por abordar um período (século XVIII) onde essa população é praticamente incontável, por tratar-se do momento anterior aos primeiros recenseamentos.

---

<sup>(1)</sup> Ver SAMARA, Eni de Mscsqita - As mulheres, o poder e a família. São Paulo: Marco Zero. 1989.

**Quadro 2**  
**Composição da população paulista**

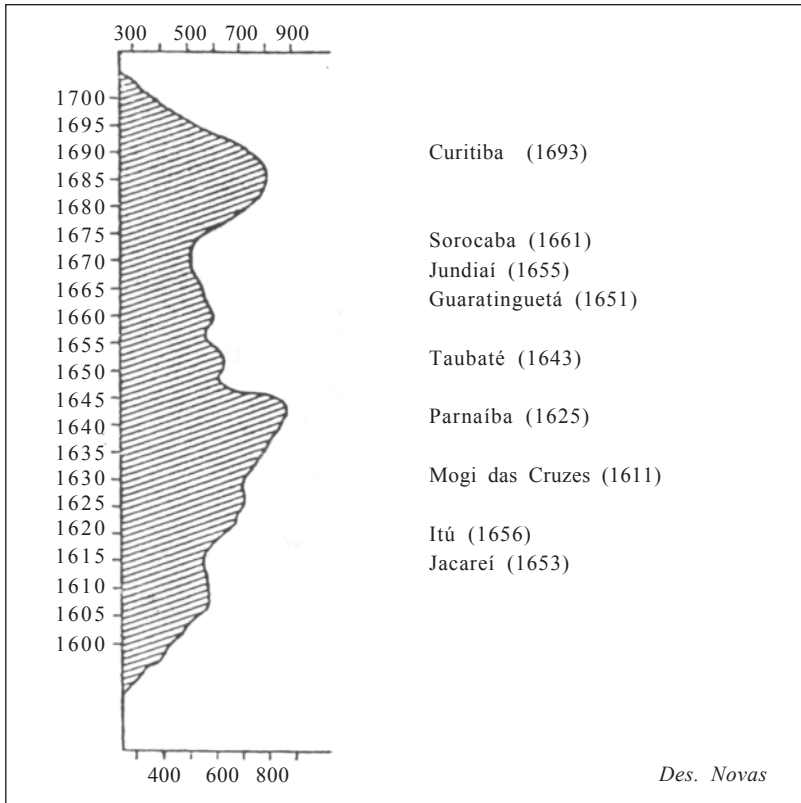
<b>Vilas</b>	<b>Vizinhos</b>	<b>Homens de Armas</b>	<b>Índios</b>
São Paulo	80	3.000	15.000
Parnaíba	180	500	3.000
Itu	70 ou 80	200 ou mais	500
Sorocaba	40	100	500
Jundiá	50	100	250
Moji	50	100	200
Santos	250	400	500
São Sebastião	40	100	100
São Vicente	50	100	100

Fonte: HOLANDA, Sérgio Buarque de - **Movimentos da população em São Paulo no século XVIII**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, 1966, n° 1, p. 86.

Um outro ponto chama a atenção nessa releitura do texto e é bastante interessante e inovador, pois remete às redes de dependência e de solidariedade que ajudavam a manter o que ele denomina de equilíbrio vital. [p. 89]

O fechamento do artigo é dedicado ao nascimento dos povoados e, conseqüentemente, ao movimento da população. Essa dinâmica é estudada de forma primorosa pelo autor com dados específicos sobre cada localidade acopladas às análises conjunturais. Com isso, apresenta e constrói um diagrama [p. 103] onde mostra claramente a relação existente entre os dados populacionais antes apresentados e relativos ao decréscimo do número de habitantes da vila de São Paulo com o aparecimento de novas comunidades sertanejas. Como resultado, deu-se o processo de interiorização com as migrações em massa, não apenas da população masculina, mas, também, de famílias que além de buscar novas terras e oportunidades, fugiam da sonegação de impostos ou mesmo de compromissos “morais”. [pp. 101-102].

**Gráfico 1**  
**Expansões e depressões demográficas em São Paulo**



Fonte: HOLANDA, Sérgio Buarque de - **Movimentos da população em São Paulo no século XVIII**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* São Paulo: IEB, 1966, n° 1, p. 103.

Como se pode perceber, trata-se de um artigo de fundamental importância para a História de São Paulo e em especial para os estudiosos da população no passado. Rico em fontes documentais e indicações preciosas sobre os dados demográficos dos séculos XVII e XVIII, aponta ainda, vários caminhos para entendermos a vida em áreas de fronteira, assunto que tem sido objeto de inúmeras pesquisas recentes.

# A CIRCULAÇÃO DOS SABERES AMERICANOS E EUROPEUS: UM ESTUDO SOBRE A “BOTICA DA NATUREZA”

Patrícia Albano MAIA

O presente artigo tratará de um ensaio, “Botica da Natureza”, que faz parte do livro *Caminhos e Fronteiras*.<sup>1</sup> Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1957 reunindo artigos que já haviam saído em revistas científicas, tanto estrangeiras quanto nacionais, e em outras obras do autor. Todos os artigos presentes nesse livro sofreram algum tipo de modificação com relação à primeira versão dos mesmos. Tratam da história paulista do período colonial a partir de aspectos da vida material.

*Caminhos e Fronteiras* conta a história dos paulistas na época colonial, ou seja, a história de mamelucos que viviam entre, ou melhor que viviam as duas culturas, onde as tradições européias e indígenas se aglutinavam, produzindo utensílios, costumes, técnicas e atitudes, que propiciavam a sobrevivência no sertão paulista. Através do estudo comparativo entre as culturas e a síntese que estas produziram Sérgio Buarque tenta desvendar as soluções que surgiram. Segundo Laura de Mello e Souza “não se trata de constatar difusão de traços, mas de perceber que a forma assumida por tais traços foi definida pela situação histórica”.<sup>2</sup>

Sérgio Buarque, nesta mesma obra, começando do miúdo, do que parece insignificante, selecionando indícios na documentação, mostra como, através da cultura material e da observação de práticas cotidianas,

---

<sup>(1)</sup> Sérgio Buarque de Holanda. *Botica da Natureza*. *Caminhos e Fronteiras*, p. 74-89.

<sup>(2)</sup> Laura de Mello e Souza. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*, p. 25.

os habitantes de capitania de São Paulo estavam se observando uns aos outros para conseguirem melhor viver nestas terras.<sup>3</sup>

Como Sérgio Buarque de Holanda construiu sua interpretação da história paulista utilizando um tipo de documentação que não era comum na época, há uma tendência, na historiografia brasileira contemporânea, a afirmar que ele fez história das mentalidades *avant la lettre*. Analisando-se as palavras de Sérgio Buarque de Holanda pode-se notar que ele afirma o contrário do que escreviam os historiadores franceses das mentalidades:

*“Ora assim como as idéias se movem no espaço, há de acontecer que também viajem no tempo, e porventura mais depressa do que os suportes, passando a reagir sobre condições diferentes que venham a encontrar ao longo do caminho”.*<sup>4</sup>

Como afirmam Laura de Mello e Souza e Ronaldo Vainfas, as mentalidades, para os franceses se moviam devagar, cativas da longa duração, numa história da lentidão na história. Para Sérgio Buarque, as idéias - e não as mentalidades, vale lembrar - podiam se locomover bem depressa no tempo, mais rápidas, quem sabe, que os suportes materiais.<sup>5</sup> Estes dois autores preferem dizer que Sérgio Buarque fazia história cultural ao invés de mentalidades.<sup>6</sup>

De qualquer maneira a historiografia brasileira, seja ela social, cultural ou do cotidiano, necessitava de novo aparato teórico para as suas interpretações que não se deixavam perceber através dos enfoques tradicionais, por isso são devedoras aos trabalhos pioneiros de Sérgio Buarque. Este autor tinha como sua preocupação ao escrever a história a mesma que tem a nossa moderna historiografia ou seja:

*“Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao*

(3) Para essa discussão sobre o saber indiciário ver: Ilana Blaj. Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil, p. 47; Laura de Mello e Souza. op. cit. p. 25 e Carlo Guinzburg. Mitos, emblemas e sinais.

(4) Sérgio Buarque de Holanda. Visão do Paraíso, p. XVIII

(5) Para uma maior discussão sobre esse assunto ver Laura de Mello e Souza. op. cit. p. 24-33 e Ronaldo Vainfas. Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil, p. 56-57.

(6) Laura de Mello e Souza. op. cit. p.17-38 e Ronaldo Vainfas. Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia, p.127 - 162.

*pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história”.*<sup>7</sup>

Segundo Ilana Blaj,<sup>8</sup> a análise de Sérgio Buarque parte das necessidades de sobrevivência impostas pela natureza, interpreta a constituição de hábitos alimentares favorecidos pelos costumes indígenas chegando à cultura material em que a influência européia age, quase que somente, no beneficiamento do produto, é o caso do uso do monjolo.

A cultura indígena, que vai desde a simples forma de caminhar e de identificar nascentes de água até a formação de toda uma farmacopéia inspirada no maravilhoso e de métodos para a caça e a pesca, é passada para os mamelucos que assim, além de herdarem, ainda acrescentam tradições européias. Se para curar picada de cobra a sucção da ferida e a aplicação de mezinhas retiradas da fauna e da flora traduzem costumes indígenas, o uso da aguardente de cana e as sangrias são as contribuições do colonizador português.

No ensaio “Botica da Natureza” as práticas de cura que usavam os dentes de jacarés, as unhas do tamanduá, as pedras tiradas do bucho das antas, banha de quati, mostram uma “estranha farmacopéia (que) explica-se, em muitos casos, pelo gosto do maravilhoso, que perseguia os doutores quinhentistas: herança da ciência medieval, a que o descobridor de novas terras viera dar maior relevo”.<sup>9</sup>

Na farmacopéia paulista colonial usava-se tanto os produtos de origem animal quanto os de origem vegetal e foi muito provavelmente observando o indígena que o colonizador ou melhor o paulista assimilou as práticas curativas necessárias para a sua sobrevivência, Martius diz que: “o mérito no descobrimento e na utilização das plantas curativas,

<sup>(7)</sup> Sérgio Buarque de Holanda. Introdução às memórias de Thomas Davatz. IN: Thomas Davatz. Memórias de um colono no Brasil. São Paulo: Martins fontes, 1941.

<sup>(8)</sup> Ilana Blaj. op. cit. p. 29 - 48.

<sup>(9)</sup> Sérgio Buarque de Holanda. Caminhos e Fronteiras, p. 81

coube em maior grau aos paulistas, tanto quanto o descobrimento das minas de ouro”.<sup>10</sup>

Paulistas e antes destes os jesuítas foram os primeiros a selecionar as práticas curativas utilizadas pelos índios que lhes parecessem “melhor, mais conforme à ciência e à superstição do tempo”.<sup>11</sup> Os padres da Companhia de Jesus organizaram uma coleção de receitas brasileiras baseados na observação do gentio e no experimento dos remédios que estes utilizavam, isso porque se achavam sem quantidade suficiente dos remédios tradicionalmente usados na Europa e também por não poderem contar com os serviços dos físicos, barbeiros sangradores e donas curandeiras, em todas as partes da colônia. Como estavam diante de doenças que não havia na metrópole precisavam buscar a cura aqui mesmo, necessitavam aprender a usar o que o reino vegetal e o animal a fauna lhes forneciam.

Foi justamente o pragmatismo dos jesuítas, percebido por Sérgio Buarque de Holanda, ao aproveitarem a flora medicinal utilizada pelos índios, que os tornaram os melhores físicos e boticários da colônia. Tal necessidade se fazia premente, embora os colonizadores geralmente aqui aportassem com seus instrumentos de sangrar, lancetar, serrar e costurar, além de medicamentos europeus e asiáticos, em suas boticas portáteis. Tais drogas eram logo consumidas ou se deterioravam. Sem tempo ou recurso para novo suprimento.

Os jesuítas empregaram a atividade de agentes de saúde como uma estratégia de aproximação e convencimento em relação aos nativos. Os índios estavam acostumados a ligar o poder de cura ao poder sobrenatural do pajé, e isso levou os inicianos à pesquisa sobre o poder curativo das plantas. Estas se deram muito devagar uma vez que os possuidores do conhecimento sobre o poder curativo das plantas, os pajés, eram vistos com desconfiança. Pois possuíam um conhecimento que o europeu não dominava e tinha medo uma vez que o relacionava com rituais satânicos. Contudo, no que se refere a práticas de cura, não houve nos primeiros séculos de colonização da América Portuguesa, nada que se igualasse ao trabalho dos jesuítas, já que estes incorporaram os saberes

---

<sup>(10)</sup> Apud. Idem. *Ibidem*, p. 77.

<sup>(11)</sup> Sérgio Buarque de Holanda. *Idem*. p. 76.

das indígenas, seja como estratégia de sobrevivência seja como uma forma de controlar os índios que estavam em processo de catequização.

Assim como o europeu e seus descendentes passaram a utilizar “remédios de índios”, estes também começaram a usar produtos importados como por exemplo a aguardente de cana que misturada a determinadas ervas servia para potencializar o poder curativo. A essa troca de costumes ou conhecimentos dá-se o nome de circulação de saberes, pois as duas culturas fornecem elementos que modificam as práticas cotidianas de cada uma. Após esse contato nenhuma das duas culturas voltará a ser o que era antes. A partir dessa modificação, cada uma trabalha, à sua maneira, o que foi assimilado e devolve essa reelaboração para o convívio, que novamente em contato com a cultura que forneceu o elemento modificador a modifica e esse processo continua *ad infinitum*.

É a essa circulação que Sérgio Buarque de Holanda se refere quando afirma que, existiam práticas curativas que dificilmente se conseguiria filia-las, seja à tradição européia seja à tradição indígena. Estas seriam uma união das diversas culturas que aqui havia. “A soma de elementos tão díspares gerou muitas vezes produtos imprevistos e que em vão procuraríamos na cultura do invasor ou na dos vários grupos indígenas”.<sup>12</sup> Gerou produtos imprevistos porque estes não são apenas a soma dos elementos das duas culturas, mas sim a assimilação de elementos díspares modificados pelas próprias culturas.

Deve ter ocorrido na América Portuguesa uma procura por medicamentos que fossem análogos aos que existiam na Europa. Essa busca terá ajudado na eleição de remédios, amuletos e medicamentos bezoárticos, por exemplo: “Não falta (...) um rival da célebre “pedra de porco-espinho”, que era geralmente considerada o mais eficaz dos bezoares do Oriente e indicada nos casos de vômitos, fraqueza de estômago, (...). No Brasil essa preciosidade era fornecida pelos porcos-do mato”.<sup>13</sup>

“Botica da Natureza” mostra a incorporação, por parte dos colonizadores, de práticas curativas inusitadas e exóticas, fazendo perceber que, mesmo subordinada à premência da doença, a incorporação se fazia quase sempre por meio de critérios ora seletivos, ora analógicos. Estes

---

<sup>(12)</sup> Idem. *ibidem*, p. 78.

<sup>(13)</sup> Idem. *ibidem*, p. 79.

podem ser percebidos na crença na virtude de certas pedras que havia nas entranhas dos animais, identificadas pelos colonizadores à lendária pedra bezoar. Para Laura de Mello<sup>14</sup> e Souza, “Botica da Natureza” antecipa algumas questões que foram analisadas em *Visão do Paraíso*, onde o “gosto do maravilhoso” teria importância central.

Em “Botica da Natureza” nota-se que: “os processos de racionalização e assimilação a que o europeu sujeitou muitos elementos, dando-lhes novos significados e novo encadeamento lógico, mais em harmonia com seus sentimentos e seus padrões de condutas tradicionais”.<sup>15</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAJ, Ilana. Sérgio Buarque de Holanda: historiador da cultura material. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 29 - 48.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais - morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Botica da Natureza. Caminhos e Fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 74 - 89.
- \_\_\_\_\_. *Visão do Paraíso - os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 17 - 38.
- VAINFAS, Ronaldo. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 49 - 57.
- \_\_\_\_\_. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História - ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127 - 162.

(14) Laura de Mello e Souza. op. cit. p. 25-29.

(15) Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*, p. 79-80.

# SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA EM BERLIM

Duílio BATTISTONI FILHO

Em 1961 participei, como estudante de História, do Primeiro Congresso dessa disciplina, na Faculdade de Filosofia de Marília, SP. Foi aí que tive um primeiro contato com o professor Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) que também participava do evento. Corpulento, de voz grossa, mas muito eloqüente, chamou-nos a atenção a sua grande erudição e profundos conhecimentos históricos exarados na mesa-redonda da qual participava. Estudante inexperiente, entabulei uma conversa com ele. Imediatamente me cativou com suas sábias palavras, falando de seus livros, suas viagens e de sua experiência no magistério. Lembro-me bem de seus conselhos a respeito da humanização da História e a necessidade de se incrementar a história regional, ponto de partida para a macro-história.

Entretanto, meu objetivo nestas notas é prestar uma homenagem ao autor de **Caminhos e Fronteiras**, no centenário de seu nascimento. Muito se tem falado da obra desse eminente historiador pelos diversos críticos. O importante é que o cotidiano é a base sobre a qual ele reconstrói o passado histórico ao deslindar as práticas diversas de existência reconhecendo nelas a constante interação tensional meio-cultura-sociedade, construindo dessa forma, as totalidades significativas de cada época. Vou analisar de uma forma bem sucinta, um dos momentos de sua vida cultural, ou seja, aquele relacionado à sua estada na Alemanha, mais precisamente em Berlim, quando ali permaneceu durante um ano e meio, isto é, de junho de 1929 a dezembro de 1930. Foi incumbido, na época, por Assis Chateaubriand de fazer uma reportagem para **O Jornal** do Rio de Janeiro sobre a situação de três países: Alemanha, Polônia e Rússia. Temendo o rigoroso inverno russo deixou de fazer reportagens nesse país.

Das inúmeras reportagens enviadas por Sérgio, destacamos inicialmente, a situação interna da Alemanha, agravada pela crise capitalista e concretizada pelo declínio da produção agrícola e industrial, pelo desemprego que se seguiu e por um número incalculável de falências. Essa situação, por sua vez, foi responsável pelo agravamento dos conflitos sociais e pela ascensão dos partidos extremistas. Os choques mais constantes ocorreram entre os comunistas e os grupos paramilitares de direita, entre os quais destacavam-se os nazistas. O acirramento das lutas políticas ligava-se ao fato de que nenhum partido conseguia eleger, até aquele instante, uma maioria estável que lhe permitisse governar sem coalizão. O marechal Hindenburg, a partir de 1930, governava praticamente por decretos, sem ouvir o Parlamento, o que identificava que o sistema liberal e parlamentar já desaparecera por completo, antes mesmo da chegada de Hitler ao poder.

Sérgio analisava os diversos comentários dos jornais alemães a respeito da instabilidade da política brasileira, da superprodução de café com a política de valorização desse produto, acentuando o **Wesser Zeitung**, a péssima qualidade dessa rubiácea, perdendo em qualidade para os produtores do Caribe. O Brasil continuava a ser o alvo constante do mau humor de certos jornais como o **Kasseler Tageblatt**, que publicava uma correspondência sobre Lampião intitulada **O Ali-Babá do Nordeste Brasileiro**. Mas não são apenas os cangaceiros que interessam a imprensa alemã e sim uma curiosa epidemia propagada por papagaios brasileiros. Várias pessoas possuídas de papagaios recém-importados do Brasil tinham sido vitimadas, seguidamente, por uma doença semelhante à gripe, com sérias complicações pulmonares, quase sempre fatal.

Em Berlim residia na zona mais agradável da cidade, numa esquina da Uhlandstrasse com Kurfürstendamm, perto do Consulado do Brasil. Nessa cidade, inicialmente, estabeleceu amizade com muitos brasileiros ali residentes como Astrogildo Pereira, grande teórico do socialismo no Brasil e com o crítico de arte, Mário Pedrosa.

Sérgio mantinha uma intensa atividade cultural na metrópole alemã. Trabalhava numa revista bilíngüe teuto-brasileira chamada **Duco** sobre relações entre Brasil e Alemanha. Influenciado pela historiografia germânica, empolgou-se principalmente com a obra de Leopold Ranke. Mais tarde escreveria uma famosa antologia de textos do célebre historiador

a pedido de Florestan Fernandes para a editora Ática. Assistiu, de uma forma esporádica, a conferências de Friederick Meineke sobre a moderna historiografia alemã. Além do mais leu Sombart, Alfred e Max Weber; familiarizou-se com os historiadores de arte, mergulhou na obra de Rilke e de outros intelectuais do momento. O escritor alemão que conheceu melhor, a ponto de estabelecer uma sólida amizade foi Theodor Däubler, muito ligado ao Expressionismo tão em voga. Acentuou a grande influência sobre a nova geração do poeta Hölderlin. Contudo, o autor que mais o instigou foi Max Weber grandemente divulgado no Brasil graças à sua pena, ao rigor metodológico e eficiente racionalidade.

Das inúmeras entrevistas feitas pelo autor de **Monções**, destaca-se aquela feita com o escritor Thomas Mann, realizada no hotel Adlon. Vinha precedido de grande fama pois acabara de ser laureado com o Prêmio Nobel de Literatura. O alemão recebeu cordialmente o jornalista brasileiro e disse ao recebê-lo:

- **O Brasil faz-me evocar, na verdade, alguns instantes deliciosos de minha infância e de minha mocidade. Recordo-me de que minha mãe, que era brasileira, e que nasceu em uma fazenda de café ou açúcar, não me recordo bem, entretinha-me freqüentemente sobre a beleza da Baía de Guanabara...** Durante os poucos momentos da conversação, Sérgio pôde observar o grande interesse do autor de **Morte em Veneza** pelo Brasil.. A certa altura, diz Thomas **Li apaixonadamente os clássicos alemães, os escritores franceses e russos e, especialmente, os ingleses, mas estou certo de que a influência mais decisiva sobre minha obra resulta do sangue brasileiro que herdei de minha mãe. A curiosidade pelo Brasil e pelos assuntos brasileiros fará com que um dia próximo visite o vosso país, onde desejo reviver as impressões de infância de minha mãe.** Depois foram tratados diversos assuntos de circunscrição. Contudo, pouco falou de sua obra, de suas idéias. Tinha palavras muito mais inquisitivas do que dogmáticas. Estava pouco convencido de suas opiniões. Num dado momento, Sérgio comentou que havia algo de brasileiro no seu tipo físico. Entretanto, o escritor não gostou e sua esposa disse que era o cunhado Heinrich que tinha um ar de brasileiro. Com relação a este último, o seu romance **Anjo Azul** deu ensejo a um célebre filme do mesmo nome e que consagrou Marlene Dietrich. Dirigido por Von Sternberg, os diálogos foram traduzidos, por Sérgio. Outra entrevista muito comentada

foi com o comandante do Graf Zepellin, Hugo Eckener, que acabara de voltar de uma viagem pelo mundo e que tinha estado no Brasil, encantando-se com a hospitalidade do povo brasileiro. Célebre foi sua polêmica com o aviador português Gago Coutinho, quando este acentuava a superioridade dos aviões sobre os dirigíveis.

Em 15 de setembro de 1930, pôde testemunhar a ascensão do partido nazista, quando 107 cadeiras foram conquistadas por seus correligionários, num total de 573 do Parlamento. Dessa época, Sérgio guarda recordações da vida boêmia da Berlim daqueles derradeiros dias da República de Weimar, onde os cafés fervilhavam, principalmente o Illibrich, e cuja orquestra americanizada, regada a saxofone, tocava as grandes músicas do jazz, além de tangos argentinos. E no meio disso tudo, imaginou um livro de interpretação do Brasil. Com apenas vinte e oito anos, começa a germinar **Raízes do Brasil**, do qual se pode dizer que nasceu em berço alemão. De volta ao Brasil desenvolve idéias, reúne material e, finalmente, o livro é editado em 1936. Teve ampla divulgação, pois era o único **retrato do Brasil**, de forte tendência democrático-popular, num momento em que predominava entre os intelectuais uma concepção de progresso liderado pelas elites abertas e esclarecidas. Talvez o fundamental no livro seja a passagem do rural ao urbano, isto é, ao predomínio da cultura das cidades, que teve como consequência a passagem da tradição ibérica ao novo tipo de vida, pois aquela dependia inicialmente das instituições agrárias. Verdadeira gema da historiografia brasileira, até hoje, o livro é referência básica para se compreender o Brasil.

Enfim, podemos dizer, que a cultura alemã foi muito valorizada no país, graças ao pensamento de Sérgio Buarque de Holanda.

## PREFÁCIO A “RAÍZES DO BRASIL”

Antônio CANDIDO

Este livro, publicado faz quase trinta anos, atravessou facilmente o período mais transformador dos estudos sociais no Brasil e se tornou um clássico. Para isso houve bons motivos, pois é igualmente perfeito no estilo e preciso nas idéias. Só um historiador erudito e minucioso, mas ao mesmo tempo capaz de generalizar e descobrir as linhas fundamentais, poderia escrevê-lo, dando-lhe a eficiência que o tornou um dos estudos básicos para compreender a sociedade brasileira. Não espanta que os seus pontos de vista se tenham incorporado ao pensamento de uma geração, recebendo muitos deles a glória de se transformarem em conceitos de toda gente. À medida que o vamos relendo através dos anos, percebemos como é pouco esquemático, e como as sínteses que apresenta não parecem baseadas em modelos abstratos, mas numa capacidade surpreendente de comunicar, dentro da própria redução ao típico, o sentimento da mais viva complexidade. Nada de mecânico no arbítrio desta simplificação, necessária para que a inteligência possa apreender o real.

Assim é, por exemplo, que poucos terão sublinhado tão bem o caráter visceralmente ibérico da formação brasileira, sabendo, ao mesmo tempo, marcar o que nos diferencia do tronco lusitano, através de comportamentos e modos de ser definidores de um brasileiro, que é mais do que ser português no Novo Mundo. De maneira semelhante, estabelece os traços que separam o português do espanhol na empresa colonizadora, e que, a principiar no traçado das cidades, conferem ao nosso antepassado uma fluidez maior, que permite formas livres de acomodação. Fluidez e ponderação realista se casam no português dos descobrimentos, em parte como decorrência de estruturas sociais mais

permeáveis, e da participação das classes no universo umas das outras. Sérgio Buarque de Holanda mostra como também o brasileiro é fluido e ponderado, mas, tanto quanto o português, incluído à aventura. Não a aventura quixotesca, pouco amoldável ao nosso país sem heróis estensivos: mas aventura como tipo de apreensão da realidade, que leva a prezar no ato o que há de realização pessoal, e não o eventual resultado. Daí a predileção pelo que é vário e provisório, o que multiplica a experiência sem fixar o ser, combinada, todavia, ao gesto compensatório pelo esquema rígido, pela solução teoricamente inelutável, que pacifica a inteligência e dispensa de manipular porfiadamente e real. Pendor que este livro verifica no êxito do positivismo e na própria inclinação racionalizadora do segundo Imperador.

Nada de admirar, portanto, que o brasileiro careça do sentimento de organização, adaptando-se dificilmente à rotina que despessoaliza. O esquema existe fora, não dentro, e isto leva a aceitar, no terreno político, a imposição que assegure a estabilidade que não gostamos de conquistar individualmente e a cada hora. Esta imposição, aliás, se prefigura em certos aspectos da família, que **Raízes do Brasil** apresenta como estrutura básica de nossa formação social, estendendo os seus modelos de relação para os setores mais diversos. Aplicando, creio que pela primeira vez de maneira sistemática no Brasil, a distinção de Max Weber entre patrimonialismo e burocracia, analisa esta tendência que colore toda a nossa sociedade, exprimindo-se no plano psicológico pelo tipo humano do “homem cordial”. Não se trata, esclarece o Autor, de “homem bondoso”, mas do que empresta a todas as relações a tonalidade afetiva, mesmo quando o coração está seco. Desta maneira, os indivíduos contornam a despessoalização, que o mundo contemporâneo tende a generalizar, devido à necessidade de racionalizar o funcionamento das instituições. Esta resistência leva ao compadrio, ao nepotismo, às exceções legais, o respeito do “pistolão”, configurando um tipo humano definido, cujas formas características de contacto visam à objetividade das categorias. Mundo que, nas suas modalidades próprias, é cada vez mais burocrático e impessoal, e que o livro mostra em formação difícil no Brasil, a partir da que caracteriza como única revolução que houve aqui: a Abolição, seguida pela instalação acessória da República. Essa revolução sem violência configurada feriu o universo baseado no predomínio absoluto da vida rural sobre a vida urbana, própria do velho Brasil. A partir de então, vamos

presenciando à emergência de um outro mundo, em que os elementos de origem lusa se obliteram cada vez mais, e que se caracteriza pela consolidação trabalhosa do espírito das cidades, promotor do racional contra o patrimonial, a rotina contra a aventura, o impessoal contra o pessoal. Pouca gente viu, com a lucidez de Sérgio Buarque de Holanda, estas coisas e muitas outras, que **Raízes do Brasil** proporciona ao leitor. Isso, porque não é freqüente a capacidade de fundir, na tonalidade civilizada do ensaio, os dados mais seguros do pensamento econômico e sociológico com o discernimento psicológico, revelando de maneira tão coerente o todo e a parte, o real e o racional, a tese e a antítese, numa síntese discretamente luminosa.

## ÍNDICE DOS NÚMEROS 184 - 187 ANO XXXIV - 2002

184 - janeiro - março - 1 - 92  
185 - abril - junho - 93 - 188  
186 - junho - setembro - 189 - 274  
187 - outubro - dezembro - 275 - 358

### ÍNDICE DE AUTORES

ALBENBURCK, J. G. - Seleta - 85  
ALMEIDA, Aluísio de - Mentalidade do paulista setecentista - 171  
ANTONIL - Das danos que tem causado ao Brasil a cobiça depois do descobrimento do ouro - 167  
AVÉ-LALLEMENT - Colônias de parceria - 262  
BATTISTONI FILHO, Duílio - A Catedral de Campinas - 207  
BATTISTONI FILHO, Duílio - Campinas sob o olhar de José de Castro Mendes - 33  
BATTISTONI FILHO, Duílio - Sérgio Buarque de Holanda em Berlim - 347  
BELLOTTO, Heloisa L. - Homenagem a Sérgio Buarque de Holanda - 317  
BOMFIM, Paulo - Açorianos em São Paulo - 145  
CÂNDIDO, Antônio - Prefácio a “Raízes do Brasil” - 351  
CALDEIRA, João Ricardo C. - Herbert Baldus, etnólogo do Brasil - 151  
CALDEIRA, João Ricardo C. - Sérgio Buarque de Holanda e a “História Geral da Civilização Brasileira” - 307  
CARVALHO, Roberto Machado de - O centenário de Sérgio Buarque de Holanda - 294  
CASTANHO, D. Amaury - Das Faculdades Campineiras à PUC de hoje - 111  
CORTEZ - A capital do Império Asteca - 76  
COSTA E SILVA, Paulo Pitaluga - Mato Grosso: relações quinhentistas - 11  
CUNHA, Fernando W. da - Heréticos e cismáticos - 214

- DE LUCA, João Bosco - Homenagem à Dra. Marie Renotte - 65
- FALCI, Miridan B. Knox - A bibliografia preliminar sobre a genealogia no Brasil - 27
- FLORENCE, Francisco - Hércules Florence e a Zoofonia - 137
- FRANCO, Carvalho - João de Laet e a capitania vicentina - 77
- ISIDRO, Santo - Bárbaros na Península Ibérica e na África - 168
- KANTOR, Iris - Diálogos hemisféricos - 314
- LACERDA, Arthur Virmond - A herva mate na França - 242
- LANG, Arthur - Caráter da literatura - 261
- MAIA, Patrícia A. - A circulação dos saberes americanos e europeus - 341
- MARIZ, Vasco - O Rio dos anos 20 visto por Ribeiro Couto - 103
- MARIZ, Vasco - Os navegadores franceses do século XVI e os indígenas brasileiros -19
- MATOS, Odilon Nogueira de - Antigas fontes para a história paulistana - 184
- MATOS, Odilon Nogueira de - Campinas, das origens até 1930 - 191
- MATOS, Odilon Nogueira de - Canudos perde seu historiador - 87
- MATOS, Odilon Nogueira de - Dom Duarte, arcebispo e historiador - 186
- MATOS, Odilon Nogueira de - Evocando a terra fluminense - 91
- MATOS, Odilon Nogueira de - Evocando Alcindo Sodré - 269
- MATOS, Odilon Nogueira de - Hans Staden - 177
- MATOS, Odilon Nogueira de - Johann Gregor Albenburck - 83
- MATOS, Odilon Nogueira de - Medicina, História, Folclore - 3
- MATOS, Odilon Nogueira de - Oficial de Napoleão, sitiante no Rio de Janeiro - 90
- MATOS, Odilon Nogueira de - “Oito bananas por um tostão” - 89
- MATOS, Odilon Nogueira de - Polígrafo de expressiva significação - 187
- MATOS, Odilon Nogueira de - Quatro titulares paulistas - 95
- MATOS, Odilon Nogueira de - Robert Avé-Lallemant - 262
- MATOS, Odilon Nogueira de - “Romeu e Julieta” na música - 268
- MATOS, Odilon Nogueira de - Sérgio Buarque de Holanda no seu centenário - 278
- MATOS, Odilon Nogueira de - Um belga a quem muito deve o Brasil - 271
- MATOS, Odilon Nogueira de - Um grande paulista da Primeira República - 272
- MORAIS, Melo - Retrato pessimista do Brasil-Reino - 75
- MOURA, Esmeralda B. B. - Sérgio Buarque de Holanda, um duradouro encontro - 325
- NERY, J. de Castro - As virtudes cívicas do Padre José de Anchieta - 251
- PETTENÁ, Arita Damasceno - Dom Bosco, o mensageiro da esperança - 163

- PETRONE, Maria Tereza S. - Sérgio Buarque de Holanda e a pesquisa - 321
- RAMIREZ, Ezekiel Stanley - Relações entre o Brasil e a Áustria no século XIX - 247
- REALE, Miguel - Desvios da História do Brasil - 239
- REALE, Miguel - O positivismo na cultura brasileira - 107
- REALE, Miguel - Um positivista integral - 7
- RIBEIRO, Hécio Pupo - Viva Verdi, um grito de guerra - 155
- RIBEIRO JÚNIOR, João - Breve história do calendário - 119
- RICCI, Maria Lúcia S. Rangel - A propósito de 1842 - 71
- RICCI, Maria Lúcia S. Rangel - O Manifesto Republicano de 1870 - 203
- RICCI, Maria Lúcia S. Rangel - Um momento para lembrar Sérgio Buarque de Holanda - 291
- RODRIGUES, Leda Boechat - Inconfidência Baiana - 127
- SAMARA, Eni de Mesquita - Sérgio Buarque de Holanda, historiador e pioneiro dos estudos populacionais - 334
- SILVA, Leonardo Dantas - A corte dos reis de Congo e os maracatus do Recife - 43
- SILVA, Leonardo Dantas - José Antônio, a lacuna que restou - 239
- STADEN, Hans - Solenidades dos selvagens por ocasião da matança de seus inimigos - 179
- TAVARES, L.H. Dias - O processo da Inquisição de Lisboa nº 16805 - 141
- TORRES HOMEM, F.S. - Sobre a escravidão - 260
- WITTER, J. Sebastião - Sérgio Buarque de Holanda 1902/2002 - 297

## **DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES**

- ALMEIDA, Aluísio de - Mentalidade do paulista setecentista - 171
- FRANCO, Carvalho - João de Laet e a Capitania vicentina - 77
- NERY, J. de Castro - As virtudes cívicas do Padre Anchieta - 251

## **TEXTOS E SELETAS**

- ALBENBURCK - Seleta - 85
- ANTONIL, A. J. - Dos danos que tem causado ao Brasil a cobiça depois do descobrimento de ouro - 167
- AVÉ-LALLEMENT - Colônias de parceria - 262
- CORTEZ - A capital do Império Asteca - 76

- FRANCO, Carvalho - João de Laet e a capitania vicentina - 77  
 LANG, Andrew - Caráter da Literatura - 261  
 MELO MORAIS - Retrato pessimista do Brasil-Reino - 75  
 SANTO ISIDORO - Os bárbaros na Península Ibérica e na África - 168  
 STADEN, Hans - Solenidades dos selvagens por ocasião da matança de seus inimigos - 179  
 TORRES HOMEM - Sobre a escravidão - 260

### **RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR**

- Antigas fontes para a história paulistana - 184  
 Canudos perde seu historiador - 87  
 Dom Duarte, arcebispo e historiador - 186  
 Evocando Alcindo Sodrée - 269  
 Evocando a terra fluminense - 91  
 Oficial de Napoleão, sitiante no Rio de Janeiro - 90  
 “Oito bananas por um tostão” - 89  
 Polígrafo de expressiva significação - 187  
 Romeu e Julieta na música - 268  
 Um belga a quem o Brasil muito deve - 271  
 Um grande paulista da Primeira República - 272  
 Um sueco a quem o Brasil muito deve - 183

\*

## ÍNDICE DE ASSUNTOS

- Açoraianos - 145  
Alcindo Sodré - 269  
Anchieta - 251  
Avé-Lallemant - 262  
Barão de Piratininga - 95  
Barbosa Pupo - 89  
Brasil-Reino - 73  
Calazans, J. - 87  
Calendário - 119  
Campinas - 33, 191, 207  
Canudos - 87  
Colônias de parceria - 262  
Carlos de Campos - 272  
Conde do Pinhal - 95  
Dom Bosco - 163  
Dom Duarte - 186  
Escravidão - 260  
Genealogia - 27  
Hagendorp - 90  
Hans Staden - 177  
Herbert Baldus - 151  
Hércules Florence - 137  
Herva-mate - 242  
História Fluminense - 91  
História Paulista - 171, 184  
História do Brasil - 107, 239  
Holandeses no Brasil - 85  
Império asteza - 76  
Inconfidência Baiana - 127  
Indígenas brasileiros - 19  
Inquisição - 141  
Invasões bárbaras - 168  
João de Laet - 77  
Johann Aldenburck - 83  
José Antônio G. de Melo - 239  
Literatura - 261  
Luís Cruls - 271  
Maracatus - 43  
Marie Renotte - 65  
Marquês de São Vicente - 95  
Mato Grosso - 11  
Melo Moraes - 5  
Mineração - 167  
Música - 155, 268  
Navegadores franceses - 19  
PUC-Campinas - 111  
Reis do Congo - 43  
Relações Brasil-Áustria - 247  
Religião - 214  
República - 203  
Revolução de 1842 - 71  
Ribeiro, João - 187  
Ribeiro Couto - 103  
Rio de Janeiro - 103  
São Vicente - 77  
Sérgio Buarque de Holanda - todo o n° 187  
Solenidades indígenas - 139  
Verdi - 155  
Visconde de Porto Seguro - 95  
Zooфонia - 137

# **CENTROS UNIVERSITÁRIOS**

## **CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS AMBIENTAIS E DE TECNOLOGIAS**

Faculdade de Análise de Sistemas  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Faculdade de Engenharia Ambiental  
Faculdade de Engenharia Civil  
Faculdade de Engenharia de Computação  
Faculdade de Engenharia Elétrica  
Faculdade de Geografia  
Faculdade de Matemática  
Faculdade de Química

## **CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA**

Faculdade de Ciências Biológicas  
Faculdade de Ciências Farmacêuticas  
Faculdade de Enfermagem  
Faculdade de Fisioterapia  
Faculdade de Fonoaudiologia  
Faculdade de Medicina  
Faculdade de Nutrição  
Faculdade de Psicologia  
Faculdade de Terapia Ocupacional

## **CENTRO DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO**

Faculdade de Administração  
Faculdade de Ciências Contábeis  
Faculdade de Ciências Econômicas

## **CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

Faculdade de Biblioteconomia  
Faculdade de Educação  
Faculdade de Educação Física  
Faculdade de Serviço Social

## **CENTRO DE CIÊNCIA DA LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**

Faculdade de Artes Visuais  
Faculdade de Jornalismo  
Faculdade de Letras  
Faculdade de Publicidade e Propaganda  
Faculdade de Relações Públicas  
Faculdade de Turismo

## **CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas  
Faculdade de Ciências Sociais  
Faculdade de Direito  
Faculdade de Filosofia  
Faculdade de História

Editoração: Beccari Propaganda e Marketing  
Rua Pedro Álvares Cabral, 183 - Campinas - S.P. - Fone Fax (19) 3255-6311  
beccaripropag@uol.com.br  
Impresso por: Gráfica e Editora Tecla Tipo Ltda. - Fone: (19) 3216-5566  
gtt@teclatipo.com.br

